

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n.º 71, 2.º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 23 DE SETEMBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assignatura annual.	12\$000
„ semestral	7\$000
Numero nullo.	\$200
„ atrozado	\$300

SUMMARIO. — Historia dos quinze dias, *José do Egypto*. — “A Semana”, A Direcção; Questão científica, *Dr. P. de Mello e Dr. L. Rocha*. — Medallhões de actrizes, *Eleonora Duse*, soneto, *V. Mendes*; Plebiscito litterario: *Lyris profanados, M. de Azevedo*; Palheta suja, soneto, *H. de Magalhães*; Chronica dos livros, *O Letudo*; Canibal, soneto, *V. Silva*; *Dr. Henrique de Sá, V. Magalhães*; Ciosidades litterarias: *Sangue*, soneto, *Luis Rosa*; *Os que surgem*; *D. Amor, Carlos Dias*; *Novos caminhos*, poesia, *F. Rho-sari*; *Miserere, Placido Junior*; *O Padre, E. Rodriguez*; *Bellas Artes, A. de Cobal*; *Gazetilha litteraria*; *Poesia e Poetas*; *Marcos*; *Pesadello, A. Caminha*; *Correio, Eurico*; *Collaboração*: *Fantila, Lil*; *Na walsa*, soneto, *J. Wernuck*; *Musica e Dansa, J. Sonoro*; *Theatros, Flaminio*; *Os collegas, Factos e Noticias* — *Tratos á bola, Frei Antonio*.

Historia dos quinze dias

Ha duas semanas ria-me eu e brincava com a revolta do dia 6; fazia a apothese do Mar e distribuia innocentes piparotes de troça, com animo equitativo, ao pennacho da Legalidade e ao nariz rubro da Revolta.

E' que o chronista já se habituara ás revoluções de opereta de que tem sido prodigo o nosso novo regimen politico e, por isso, não podia prever que o movimento de 6 do corrente assumisse a importancia e a gravidade que foi gradualmente ganhando.

Não é *A Semana* folha politica, e nisso reside, cremos, uma de suas qualidades mais apreciaveis. Referencias ou conceitos politicos que nella appareçam não devem, portanto, ser considerados senão do ponto de vista litterario.

O assumpto fornecido pela *Custodeida* prestava-se amavelmente a umas phrases menos feias e a umas travessuras alegres. Fizcmol-as. Mas, ao riltombo do primeiro tiro disparado pelos revoltosos contra esta pacifica cidade, desfez-se toda a alegria do historiador da semana, e a alma do folhetinista cedeu lugar á do patriota. Gracejar e rir quando a patria chora e sangra é mais que um desaso, é quasi um crime.

Os quinze dias ultimos foram de ferro e fogo, de sangue e lagrimas. Nem uma nota jovial intercalou a sua alacridade nos lutosos acontecimentos. As folliculas do calendario foram desfolhadas á bala.

As horas alegres do alvoro do dia, em que os passaros acordam para cantar a gloria

do Sol e os homens para celebrar a honra do Trabalho, e as horas tristes do anoitecer, em que homens e passaros vão refazer-se no somno, umas e outras passaram a ser marcadas pelo troar do canhoneio.

Oh! os dias tragicos!



Esses dias de horror e morte, que por nosso infortunio não foram ainda os derradeiros, ficarão indeleveis na memoria de todos nós.

A hegira do dia 13 (simpliciter este numero funesto!) será de futuro uma das paginas mais dramaticas e mais commoventes da historia agitada da nossa Republica.

Ao cair das primeiras granadas em varios edificios e ruas desta cidade de trabalho e paz, espalhon-se um terror panico por toda ella. A população, em grandissima parte, só teve um pensamento: fugir á morte.

As familias, abandonando tudo, correram espavoridas para a estação central da Estrada de Ferro e outros pontos, a procurar abrigo nos logares mais afastados da *ciudad dolente*. Era pungitivo e tragico esse espectáculo.

No vagalhão convulso dos foragidos viam-se mulheres correndo, mal cobertas por chales, algumas com os proprios trajas caseiros; crianças com as carinhas sujas, umas chorando assustadas, outras rindo, divertidas por aquelle reboição; velhos tropegos, que ha muito tempo não saham á rua, apressando penosamente os passos, estugados pelo terror; doentes, levados em braços, sacudidos dolorosamente pela corrida louca....

Vimos uma velhinha paralytica carregada ao hombro de um homem, seu filho naturalmente; mães que se arrepellavam por se lhes haverem extraviado os filhos, criancinhas enfermas com as cabeças aconchegadas ao collo materno, abrindo a tantos horrores os tristes olhos que nada viam....

Cada qual levava o que de mais indispensavel ou precioso pudera apanhar na precipitação da fuga; uns levavam trouxas, outros gaiolas com passaros ou caesinhos de estimação; mas a nota mais terna, mais commovente naquelle, salvar de consas amadas, foi para nós um quadro, envolvido em crepe, que uma moça, pallida de medo, sobraçava carinhosamente. De quem era aquelle retrato? De pai, de mãe, de noivo talvez! Quando todos cnidavam de apanhar roupas, utencilios, viveres, ella, a alma delicada e pura, só teve um pensamento: fazer-se acompanhar na fuga pela effigie sagrada do seu querido morto.

E a multidão enchia litteralmente os vagões e os bonds, transbordava, partia a pé, nos primeiros vehiculos que encontrava, sem destino e sem plano. Os que tinham parentes, amigos ou méros conhecidos nos suburbios, invadiam-lhes as casas, implorando hospitalidade. Os outros, coitados, vagueavam pelos campos, apinhavam-se nas estações, arranchavam no matto; e sobre as cabeças desses desgraçados não tardará que se estenda ameaçadora a sombra da Fome. As ruas da cidade, varridas pelo pavor, ficaram desertas e silentes; todas as casas de commercio fecharam as portas, e naquella solidão tremenda repercutiam lugubrememente os estampidos do bombardeio.



A vida nacional está suspensa; abriu-se nella um parenthesis de dôr, que não sabemos quando fechará. Ao chronista, entretanto, é summamente grato registrar que, borrifada pelo primeiro rocio de sangue, cresceu e expandiu-se em sua maravilhosa belleza a sagrada flôr do patriotismo—especie de rosa de Jericó, que, parecendo morta, revivesce e reabre-se quando a humedecem lagrimas ou sangue.

Tolos os depositarios da autoridade publica, desde o chefe da Republica até aos mais humildes e menos graduados, têm sabido cumprir o seu dever com uma dedicação admiravel. A resistencia á revolta, que não tem outra bandeira, que se saiba, que não a da morte, nem outro programma conhecido que não seja o da destruição, tem sido formidand, sublimemente epica.

Nestas columnas gracejou-se com a Guarda Nacional—gracejo innocente, aliás, relativo á falta de exercicios militares.

Manda, porém, a justiça que registremos agora que aquella milicia civica teve occasião de prestar serviços e que ella os tem prestado com uma dedicação e um denodo dignos de todos os elogios.



Não somos politicos; repetimol-o mais uma vez. Somos, porém, cidadãos, filhos desta grande patria e temos o dever de nos interessar pela sua felicidade e pelos seus destinos.

Além disto um jornal que se intitula *A Semana* tem o dever de occupar-se com os acontecimentos decorridos nos sete dias comprehendidos em cada numero da folha.

Por isso, sem entrarmos na apreciação dos factos, sem estudarmos as causas complexas, proximas e remotas, que os geraram

não nos é licito passar em silencio as ideias e as impressões produzidas por elles sobre a alma popular.

O povo brasileiro, que ama apaixonadamente a politica mas só no terreno theorico como thema de palestras e discussões, a politica *de linguas* e abandona, com horror, a politica de acção; cujo entusiasmo pela politica *para conversar* só é comparavel ao seu indifferentismo pela politica em acção; ignorante e desdenhoso de todos os seus direitos civicos, o povo brasileiro é, em fundo, um povo de ordem, de paz, de mansidão, de factos consummados.

Aos seus governantes sómente pede que o deixem viver tranquillo, ganhando a sua vida e cuidando da sua familia.

Delles deve merecer, portanto, toda a condescendencia, toda a brandura, toda a bondade.

Não faz revoluções nem motins e foge delles como o diabo da cruz.

Por isso, todas as revoluções e revoltas repugnam-lhe profundamente e nellas não toma parte, nem mesmo para reivindicar os seus direitos, para fazer valer a sua força soberana.

A revolta de 6 do corrente não podia ser-lhe sympathica, quando não fosse por outros motivos pelo, fundamental, de perturbar-lhe a paz, ameaçar-lhe a vida e a propriedade, justamente quando, apesar de todos os erros commettidos pelo Governo e pelo Congresso, e principalmente por este, elle, povo, acreditava que a Legalidade começava de ser uma realidade e que as instituições ha cinco annos fundadas consolidavam-se definitivamente. Para elle o melhor governo é o que consegue manter a ordem e garantir a vida, os direitos particulares e as liberdades publicas.

Um governo que deixe o cidadão ganhar a sua vida tranquillamente, discutir a politica nas esquinas e nos cafés e lhe dê a carne e o pão a preços razoaveis é o melhor dos governos—tenha o mais absurdo dos programmas e faça da Constituição o uso que lhe parecer mais divertido, a elle governo.

Um povo assim é facilissimo de governar. Entretanto, assim não o tem entendido os governos da Republica.

O resultado será, não se illuda ninguém, que o bom povinho acabará por perder a paciencia, e, um bello dia, quando menos se esperar, sacudirá fóra a sua pelle de cordeiro e surgirá o leão que nella se escondia, para reclamar com altos bramidos a restituição integral de seus direitos.

Ora, nós para lá vamos.

A paciencia vae-se esgotando.

O povo já vai reconhecendo que abusam de sua eterna bondade e apparente fraqueza, do seu voluntario renunciamento a fazer-se valer, e não será de espantar que muito breve, mais breve do que se pensa, elle apresente aquella metamorphose extraordinaria.

Nesse momento justiça será feita.

Oxalá não tarde esse momento, porque sem elle chegar, ha de esta terra, destinada a tão brilhante e prospero futuro, continuar a ser o juguete das ambições e a victima dos

odios dos que se arrogam o direito de dirigir-lhe.

Sabemos que a educação dos povos faz-se a contragosto delles, pela força das leis que regem a evolução social.

Por isso mesmo não deve ninguém acreditar-se fadado a realisar-a de golpe, por meio de uma revolta ou de uma imposição armada. As revoluções partem de baixo para cima.

Os tempos do direito da força estão felizmente mortos.

Os canhões não se fabricam para *obrigar os povos a serem livres*, mas para impedir que deixem de sel-o.

Ante a perspectiva angustiosa e tremenda da guerra civil, nos é grato acreditar que a alma popular não está morta e que ella saberá erguer-se, grandiosa e sublime, para repellir a tyrannia que a Força lhe queira impor em nome da Liberdade.

JOSÉ DO EGYPTO.

A SEMANA

Começamos hoje a executar um dos pontos mais importantes do nosso programma — a animar, dar a mão aos novos cultores das letras, portadores de reaes esperanças para ellas e para nós.

Para isso inauguramos duas secções *Os que surgem e Colaboração* — aquella especialmente destinada aos novos que já tem, não obstante o seu apenas incipiente ou ainda curto tirocinio litterario, valor patente, innegavel, individualidade propria, embora apenas esboçada ainda.

A segunda é destinada aos outros, aos que ensaiam os primeiros vôos com azas mal emplumadas e incertas.

Não nos animariamos a tal fazer, receiando nos acoimassem de pretenciosos por nos arrogarmos uma autoidade que nos fallece se não foram as continuas e incessantes solicitações enviadas pelos noveis escriptores ao director d'*Semana*, de quasi todos os pontos do paiz, pedindo-lhe o seu juizo franco sobre os trabalhos que lhe enviam e tendo para com elle a nimia benevolencia de julgal-o juiz competente para tão difficil e melindroso julgamento.

E, se o fazemos, é, portanto, unicamente para, satisfazendo os desejos dos proprios interessados, prestar á nossa litteratura, tão maltratada e mal querida ainda, o pequeno serviço de facilitar-lhe a aquisição de novos obreiros, capazes de erguel-a e opulental-a em um futuro proximo.

Questão Scientifica

A combustão espontanea

Sr. Director d'A SEMANA.

Para corresponder a honrosa distincção que me dispensastes, solicitando a minha mais que humilde opinião sobre o caso da combustão espontanea de Macquart, escripta pelo eminente escriptor E. Zola em seu ultimo romance "*Le Docteur Paschal*" respondo hoje a vossa carta-circular, sem

outra pretensão, evitando mesmo entrar em largas considerações a respeito.

Negando, em absoluto que a combustão de Macquart, originada da queima de suas vestes sobre as quaes cahira-lhe uma braza ao accender o cachimbo, possa ser considerada como espontanea, na significação rigorosa do termo, declaro que julgo ante o estado actual da sciencia, um absurdo a combustão espontanea.

Para quem conhece a acção physiologica do alcool, suas transformações no organismo e o seu modo de eliminação pelas diversas emunctorias, é inteiramente inaceitavel a possibilidade da saturação do corpo humano por este agente e ainda mais conservando elle suas propriedades inflammaveis.

Fallam bem alto em favor da impossibilidade da combustão espontanea, as experiencias feitas em animaes, cujos corpos apezar de embebidos de alcool por meio de injeções pelas arterias, não se tornaram mais combustiveis e apenas demonstraram que essa inibição é uma condição de incompatibilidade para a vida, pois a morte dá-se pela coagulação da albumina, pela parada da circulação e pelas desordens profundas no systema nervoso, sem que assim mesmo obtenha-se a combustão espontanea do cadaver nestas condições especiaes.

Nem é para causar extranhese o resultado de taes experiencias, pois, é sabido que uma substancia por mais combustivel que seja, não póde ao juntar-se a uma outra que o seja em menor gráo, torna-la mais.

As experiencias de Lubig e Bischoff demonstram promptamente.

E' sabido que um corpo em cuja composição entra 25 % d'agua, não se inflamma e nem se entretém a combustão, quando uma vez começada, e consequentemente o corpo humano cuja porcentagem d'agua é de 75 % não pode ser a séde de uma combustão espontanea.

Os ensinamentos para a sciencia, resultantes dos sérios estudos a que se entregaram as grandes celebridades allemãs, quando em 1867 tiveram de guiar a justiça publica e esclarecel-a sobre o facto de apparecer morta e meia carbonizada em seu leito, a condessa de Goerslitz, autorisam-nos a considerar a combustão espontanea de Macquart um absurdo ante a sciencia, sem no entretanto deixar de ser uma bella criação daquelle cerebro ardente de Zola que assim procurou incutir o horror e o panico nos que usam e abusam do alcool muitas vezes ignorantes dos seus effeitos desastrosos.

Eis a minha opinião: para os desvios da moral, o horror das penas eternas, para o alcoolismo, a combustão de Macquart.

PUBLICO DE MELLO.

Sr. Director d'A SEMANA.

Em resposta á consulta, que me fizestes, em nome da Sciencia, sobre a questão da combustão espontanea, tal como a descreve Emilio Zola em seu recente romance — "*Le docteur Paschal*" cumpro-me dizer-vos:

O caso de combustão espontanea descripto pelo grande romancista não é uma engenhosa hypothese de sua imaginação, mas a copia fiel de casos descriptos por alguns autores, que, sem o affirmarem (nenhum só dentre elles refere factos de observação propria) dizem que individuos saturados de alcool, approximando-se de pequenos focos de ignição, têm sido devorados pela inflammção ignea dos proprios tecidos.

Nos casos d'esta natureza, dizem estes autores, vê-se a principio uma chamma azulada, semelhante á do alcool, depois a inflammção dos proprios tecidos, espalhando uma fumaça espessa, negra e fetida, restando finalmente um residuo unctoso.

Scientificamente a combustão espontanea é inadmissivel; e esta questão foi perfeitamente resolvida desde o dia em que Liebig e Bischoff apresentaram o resultado das experiencias, a que procederam, por occasião do celebre processo da condessa de Goerlitz, cuja morte foi attribuida a um facto de combustão espontanea.

As conclusões a que chegaram estes illustres investigadores merecem ser citadas:

“1ª Uma substancia difficilmente combustivel, não pôde pelo facto de juntar-se a outra substancia facilmente combustivel, adquirir as propriedades desta ultima. Uma esponja ou um pedaço de papel não se tornam mais combustiveis quando imbedidos em alcool.

“2ª. O corpo humano não pôde ser imbedido de alcool como uma esponja; se tal acontecesse, a vida seria impossivel, a albumina seria coagulada, a circulação parada, e o systema nervoso soffreria alterações incompativeis com a vida.

“3ª Injectando alcool nas arterias de um animal não se obtem uma maior facilidade de combustão; me-mo imbedendo um cadaver de alcool não se determina a combustão espontanea.

“4ª. Um corpo que tem sómente 25% d'agua não se inflamma e não continúa a arder; ora a proporção d'agua nos tecidos animaes é de 75%.”

Assim pois a questão de combustão espontanea, que preoccupou durante muito tempo a attenção de muitos medicos, não merece mais a honra de uma discussão scientifica, e os pretendidos casos de combustão espontanea não passam de queimaduras do sexto gráo, frequentemente observados nos bebedos epilepticos e paralypticos cujas partes podem ficar durante muito tempo expostas á acção do calor.

Eis o que penso sobre o assumpto.

DR. LEONEL J. ROCHA.

MEDALHÕES DE ACTRIZES

II

Eleonora Duse

Tão delicada, vêde, e melindrosa!
Dobrar parece ao beijo de uma brisa.
E' carinhoso o olhar, é carinhosa
A voz, como um regato que deslisa.

Lembra o lyrio e a violeta, não a rosa,
Que, triumphante, ao sol se ruborisa.
Melancolica e doce, é uma amorosa
Que entre beijos e prantos agonisa.

Ifa uma sombra de magoa tão suave,
Banhando-lhe o semblante pensativo,
Que se lhe rã o intimo soffrer;

E vendo-a assim, formosamente grave,
Esquece-se da actriz o genio altivo
E—francamente!—adora-se a mulher.

Junho—1893.

VALERIO MENDES.

Plebiscito Litterario

Quaes são os seis melhores romances escriptos em lingua portugueza?

Tendo terminado a 12 do corrente o praso para o recebimento das cédulas, apurámos-as no dia 14, havendo o seguinte resultado:

Votação para 1º lugar:	
<i>Os Maias</i> , de Eça de Queiroz...	94 votos
<i>Eurico</i> , de A. Herculano.....	53 "
<i>Guarany</i> , de J. Alencar.....	50 "
<i>Primo Basilio</i> , de Eça de Queiroz.	31 "
<i>Monge de Cister</i> , de A. Herculano.	19 "
<i>Braz Cubas</i> , de Machado de Assis	14 "
<i>Volcões de Lama</i> , de C. Castello	13 "
Branco.....	9 "
<i>Menina e Moça</i> , de B. Ribeiro..	9 "
<i>Eusebio Macario</i> , de C. Castello	9 "
Branco.....	9 "

Para 2º lugar:	
<i>Primo Basilio</i> , de Eça de Queiroz	81 "
<i>Os Maias</i> , do mesmo.....	73 "
<i>A Carne</i> , de Julio Ribeiro.....	44 "
<i>Eurico</i> , de A. Herculano.....	39 "
<i>Amor de Perdição</i> , de C. Castello	25 "
Branco.....	25 "
<i>Pupillas do Sr. Reitor</i> , de J. Diniz.....	15 "
<i>Guarany</i> , de Alencar.....	8 "
<i>O Cortiço</i> , de Aluisio Azevedo,	
<i>Senhora</i> , de J. de Alencar,	
<i>Arco de Sant'Anna</i> , de Gariel,	
<i>Queda de um Anjo</i> , e <i>Eusebio</i>	
<i>Macario</i> , de C. Castello Branco,	
<i>Memorias de um sargento de</i>	
<i>milicias</i> , de Almeida e <i>Athenau</i> ,	
de Raul Pompeia 1 cada um..	7 "

Para 3º lugar:	
<i>Memorias Posthumas de Braz</i>	
<i>Cubas</i> , de Machado de Assis..	68 "
<i>A Carne</i> , de Julio Ribeiro.....	63 "
<i>Cortiço</i> , de Aluisio Azevedo.....	56 "
<i>Os Maias</i> , de Eça de Queiroz....	31 "
<i>A Reliquia</i> , do mesmo.....	22 "
<i>O Crime do Padre Amaro</i> , do	
mesmo.....	17 "
<i>Amores de Julia</i> , de Souza Mon-	
teiro.....	11 "
<i>Amor de Perdição</i> , de C. Castello	
Branco.....	7 "
<i>Fidalgas da Casa Mourisca</i> , de	
J. Diniz.....	5 "
<i>Lendas e Narrativas</i> , de A. Her-	
culano.....	5 "
<i>Morgadinha dos Canavieiros</i> , de	
J. Diniz.....	3 "
<i>Guarany</i> , de J. de Alencar.....	2 "
<i>O Sertanejo</i> , de J. de Alencar e a	
<i>Senhora</i> do mesmo 1 cada um.	2 "

Para 4º lugar:	
<i>A Reliquia</i> , de Eça de Queiroz.	50 "
<i>Amor de Perdição</i> , de C. Castello	
Branco.....	43 "
<i>Eurico</i> , de A. Herculano.....	41 "
<i>A Moreninha</i> , de J. M. de Macedo	
.....	36 "
<i>O Athenau</i> , de Raul Pompeia... 35 "	
<i>O Crime do Padre Amaro</i> , de Eça	
de Queiroz.....	22 "
<i>Os Maias</i> , do mesmo.....	19 "
<i>Braz Cubas</i> , de Machado de Assis	
.....	14 "
<i>Guarany</i> , de Alencar.....	13 "
<i>Pupillas do Sr. Reitor</i> , de J. Diniz	
.....	8 "
<i>Quincas Borba</i> , de Machado de	
Assis.....	4 "
<i>Tristesas á Beira-Mar</i> , de Pi-	
nhheiro Chagas.....	3 "
<i>O Gaucho e Iracema</i> , de J. de	
Alencar, <i>Indio Affonso</i> , de B.	
Guimarães e a <i>Secca do Cariri</i> ,	
de J. do Patrocinio, 1 cada um.	4 "

Para 5º lugar:	
<i>A Mão e a Luva</i> , de Machado	
Assis.....	49 "
<i>Guarany</i> , de J. de Alencar.....	47 "
<i>Eurico</i> , de A. Herculano.....	45 "
<i>O Athenau</i> , de R. Pompeia.... 38 "	
<i>A Carne</i> , de Julio Ribeiro..... 27 "	
<i>Familia Medeiros</i> , de Julia Lo-	
pes.....	22 "

<i>Os Maias</i> , de Eça de Queiroz...	19 votos
<i>O Primo Basilio</i> , do mesmo....	14 "
<i>Casa de Pensão</i> , de Aluisio Aze-	
vedo.....	14 "
<i>Morgadinha dos Canavieiros</i> , de	
J. Diniz.....	10 "
<i>Iracema</i> , de J. de Alencar.....	6 "
<i>Ermidão de Anquem</i> , de B. Guj-	
marães, <i>Memorias de um Dau-</i>	
<i>do</i> , de Lopes de Mendonça	
e <i>Livro Negro</i> de Castello	
Branco, 1 cada um.....	3 "

Para 6º lugar:	
<i>O Athenau</i> , de Raul Pompeia....	51 "
<i>O Homem</i> , de Aluisio Azevedo..	50 "
<i>Casa de Pensão</i> , do mesmo.....	47 "
<i>Amor de Perdição</i> , de C. Castello	
Branco.....	47 "
<i>O Guarany</i> , de J. de Alencar....	35 "
<i>O Cortiço</i> , de Aluisio Azevedo..	27 "
<i>Helena</i> , de Machado de Assis... 15 "	
<i>Iracema</i> , de J. de Alencar.....	8 "
<i>Memorias de um sargento de mi-</i>	
<i>licias</i> , de M. de Almeida.....	3 "
<i>O Sertanejo</i> , de J. Alencar, <i>O</i>	
<i>Chrono</i> de Horacio de Carva-	
lho, <i>Tristesas á Beira-Mar</i> , de	
Pinheiro Chagas, 2 cada um... 6 "	
<i>Innocencia</i> de Sylvio Dinarte e a	
<i>Redemptora</i> de Ferreira da Rosa	
e <i>Mamma da Freira</i> , de C.	
Castello Branco, 1 cada um.. 3 "	

Apuração final:	
1º lugar: <i>Os Maias</i> , Eça de Queiroz	94 "
2º lugar: <i>Primo Basilio</i> , do mes-	
mo.....	81 "
3º lugar: <i>Memorias Posthumas</i>	
de <i>Braz Cubas</i> , de Machado de	
Assis.....	68 "
4º lugar: <i>A Reliquia</i> , de Eça de	
Queiroz.....	56 "
5º lugar: <i>A Mão e a Luva</i> , de	
Machado de Assis.....	49 "
6º lugar: <i>Athenau</i> , de Raul Pom-	
peia.....	51 "

Foram recebidas 293 cedulas, uma, porém, não foi tomada em conta por isso que referia-se a traducções. A apuração foi feita com o maior escrupulo

“No plebiscito litterario votamos:
“*Eurico*, o *Presbytero*, de Alexandre Herculano. Estylo levantado, pureza de lingua-gem e correcção de forma que já deram ao autor a consagração de classico da lingua.
“*Amor de perdição*, de Camillo. —Na vasta collecção dos trabalhos do Mestre é difficil escolher qual o melhor. Esquecel-o porém, é impossivel; seja pois o que preferimos a flôr mimosa da saudade por esse vulto cuja recordação perdura ainda na sua obra immensa de esforços pela elevação da lingua portugueza.
“*Os Maias*, de Eça do Queiroz. —Nos processos modernos do romance é sem duvida este trabalho, na lingua portugueza, o que revela estudo mais attento e acurado da parte do autor.
“*A Moreninha*, de J. M. de Macedo. Bello fructo de um talento que deo tanto e que acabou decahindo nos lugares communs do *jour an jour* pela vida. Escrever hoje para comer amanhã.
“*O Guarany*, de Joé Alencar. —Tratando-se do romance portuguez seria clamorosa injustica esquecer quem tanto illustrou as letras brazileiras. A sua obra perdura no vasto monumento que levantou pelo talento, observação e estudo.
“*O Homem* de Aluisio Azevedo. —Moço ainda, o auctor revela muito estudo e observação criteriosa, de psychophyslogia. Dos seus trabalhos é este sem duvida aquelle em

que trabalharam simultaneamente a imaginação do romancista e a observação de quem estuda para melhor produzir.

Antonio de Moraes.

“Ao meu paladar litterario mais satisfazer:”

“1°—*Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, saudosa recordação do classicismo a antevêr as blandicias do romantismo.

“2°—*Memorias de um sargento de milicias*, onde estylo, concepção e historia, imaginação e arte, tudo tem aprimorado culto.

“3°—*Lendas e Narrativas*, de Alexandre Herculano, o mestre, o douto, onde philosophia, critica e sentimento acharam alevantado altar; onde o estylo é de uma lição sublime, onde a forma é de irreprehensivel esmero, monumento builado simultaneamente pelo coração e pela razão.

“4°—*A Mozninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, fructo opimo da mocidade de um talento, que depois enveredou-se por más devesas, chegando á fancaria litteraria.

“5°—*A Iracema*, de José de Alencar, o que de mais espontaneo e natural elle escreveu, brasileiro no sentimento, na inspiração, no assumpto, no colorido.

“6°—*O Homem*, de Aluizio Azevedo filho de criteriosa observação, vigorosamente traçado.

Dr. J. J. de Carvalho.

Publicamos em seguida alguns dos votos assignados que recebemos:

I—Os Maias. II—O Primo Bazilio. III—Os fidalgos da Casa Mourisca. IV—O Gaúcho. V—A Mão e a Luva. VI—Memorias de um sargento de milicias.

Lucio de Mendonça.

I—Eurico. II—Euzebio Macario. III—Amores de Julia. IV—Iracema. V—Memorias de um doido. VI—A mumia da freira.

Damião d'Arcos.

I—Primo Bazilio. II—Os Maias. III—A Reliquia. IV—O Atheneu. V—A Carne. VI—O Mulato.

Sylvio Freire.

I—Os Maias. II—O Primo Bazilio. III—O crime do padre Amaro. IV—O Atheneu. V—Casa de pensão. VI—Chromo.

Raul Braga.

I—O Guarany. II—O Atheneu. III—O Cortiço. IV—Quincas Borba. V—A Familia Medeiros. VI—A Redemptora.

Tareco. (Carlos Moraes.)

I—Eurico. II—Pupillas do Sr. Reitor. III—Guarany. IV—Tristeza á beira-mar. V—Emitião de Muquem. VI—Innocencia.

Dr. Bezerra de Menezes.

(Parahyba do Sul)

I—Euzebio Macario. II—A Carne. III—O Cortiço. IV—Braz Cubas. V—A Familia Medeiros. VI—O Chromo.

Dória. (Do Diario Popular de S. Paulo.)

I—O Guarany. II—A Carne. III—Senhora. IV—Eurico. V—O Primo Bazilio. VI—Iracema.

Godofredo Bulhões (S. Paulo.)

I—O Guarany. II—A Carne. III—O Sertanejo. IV—Os Maias. V—Eurico. VI—Casa de pensão.

Alberto Azevedo (S. Paulo)

I—O Guarany. II—Senhora. III—A Carne. IV—Eurico. V—O livro negro. VI—Iracema.

Joaquim X. de Almeida (S. Paulo)

I—O Monge de Cister. II—Arco de Sant'Anna. III—Amor de perdição. IV—As pupillas do Sr. Reitor. V—Os Maias. VI—O Cortiço.

A. de Riva Napoles.

Outro plebiscito vamos hoje offerecer aos leitores. E' o seguinte:

Quaes são os seis melhores contos escriptos por litteratos brasileiros?

Podem ser votados os contos publicados em livros ou em jornaes e revistas litterarias da Capital Federal ou dos Estados.

As demais condições deste plebiscito são inteiramente iguaes ás do que abrimos para os romances.

Para que tenham tempo de votar todos os leitores d'A SEMANA que desejem fazel-o, damos o prazo de dois mezes.

LYRIOS PROFANADOS

Pobre menina, loura e debil, de dez annos—sim, não tens mais que dez annos!—pobre menina, que nesta noite invernosa, sob uma chuva torrencial, atravessas a rua do Ouvidor, com uma cestinha de flores na mão, e entras pelos botequins a offerecer violetas e rosas em botão aos mundanos que ahi vês sentados por essas mesas! Triste creaturinha, rosa em botão tu mesma, que, em toda a eandura da tua inconsciencia infantil, não estremecees ainda ao contacto de tanta alma baixa e de tanto vicio repellente! Vens para aqui porque te mandam vir, e obedeces; ao cahir da tarde, alguém—uma mulher talvez, e essa mulher não córa!—chama-te pelo teu nome—talvez um nome angelico como a tua alma, Cecilia, Maria, Julietta...—e diz-te: Anda, vae vender essas flores!—E ensina-te como deves fazer o sorriso que deves ter nos labios, o geito que deves dar aos olhos, e recomenda-te, porventura: Si te quizerem beijar, deixa que te beijem, porque assim pagarão mais pelas flores, traráis mais dinheiro, entendes?

Tu não entendes, não; ouves esses conselhos, submissa, resignada, e sahes. A noite é negra e horrivel; chove a cantaros; a enxurrada alaga as ruas—que importa? Sahes sempre. E's pequenina ainda; tens medo de andar sósinha; essa gente desconhecida que encontras, esses homens maltrapilhos, sinistros, que vaguem pelas praças, aterram-te; a humidade faz-te mal; a tosse rasga-te o peito em arrancos febris;—que importa? Sahes, porque tens medo de uma palavra dura, de uma chicotada talvez; porque não tens remedio sinão sahir...

Vens; diriges-te, a mim, diriges-te a qualquer outro:—Quer uma flor? Um brutal repelle-te com modos asperos;

humilde como um cão batido, te afastas, sem dizer nada. Outro, perverso e lubrico, profana-te o corpo todo, o corpo virgem, ignorante de peccado, com olhares impudicos, profana-te os ouvidos com observações e remosques devassos; e tu, innocente, mas aturdida, passas atravez de uma conversa obscena, sem que por um instante o teu espirito se perturbe; roças por esse lodo humano a tua veste branca, sem lhe manchar a fimbria sequer.

Assim é que te acolhem aqui e alli os ociosos, a cuja concupiscencia tu és precocemente offerecida.

E, se alguém, como neste momento, mais pensador ou mais compassivo, te dá alguns minutos de attenção desinteressada e enternecida, e te acompanha carinhosamente com a vista, e trahc no rosto a commoção intima que a tua sorte lhe causa, nem ao menos lhe ficarás grata por esse sentimento mais clegado que lhe inspiraste, pois, victima desditosa, não comprehendes o sacrificio a que, já tão cedo, te votaram. Vem cá, pobre menina; chega-te ao pé de mim. Que eu veja se no teu semblante bello, mas fatigado, se projecta a sombra de uma tristeza prematura, ou o negrume ainda mais carregado de uma expressão desenvolta e cynica.

Dize-me:—como te chamas?—Maria—(Oh! eu bem o suppunha: Maria, nome mais formoso da terra e do ceo!) Tens mãe?—Tenho—E é ella quem te manda vender flores pelos cafés?—E' ella; diz que se deve trabalhar desde eriança.—E teu pae consente?—Meu pae? está fóra de casa o dia inteiro, quando não fica dormindo; costuma entrar alta noite, gritando, e ás vezes bate-me, bate em mamãe...

Pobre menina, loura e debil, de dez annos apenas... E é uma mãe—uma mãe!—quem a obriga a: “trabalhar desde eriança,” emquanto o pae, operario sem serviço, naturalmente, gasta o producto da venda de flores no balcão da taverna, ou dorme no catre do somno da bebedeira! E' uma mãe! Mães, é possivel?

Irás, assim, vendendo flores, hoje, amanhã, mais um anno, mais dois annos; crescerás nessa vida maldicta, que, por emquanto, ainda te não deprava, mas que te depravará mais tarde.

Crescerás; deixarás de ser a criança ingenua e simples que és, para te fazeres pouco a pouco, mulher. Despertará no teu sangue e no teu coração a puberdade; a natureza te ensinará muita coisa, as tuas companheiras se incumbirão de ensinar-te o resto. Tudo o que ignoras hoje, sabel-o-has então; saberás interpretar com exactidão profunda certos sorrisos, certas palavras, que ainda são para ti sem sentido.

Até que, um dia,—tem a certeza d'isto! —um miseravel qualqner abusará de ti, entontecendo-te com juras mentidas, deslumbrando-te com miragens de luxo e de prazer. E depois te abandonará; e depois ainda, outro miseravel, vendo-te bonita e "lucrativa," pôr-te-ha o corpo em almoceda, carcando-te com todas as seduccões da sua industria: vestidos de seda e de velludo, joias, carruagem de gala, facaios e adoradores.

Eis qual será o teu destino; e no decurso de tua existencia, em quinze, em vinte annos, nem uma idéa de dever e de moral te illuminará a mente—ou, se a illuminar uma vez, será tarde demais, quando te achares estendida, tísica ou rolda de syphilia, num leito de hospital—que é onde vão acabar muitas, que começaram vendendo flores!

Pobre menina, loura e debil...

E neste palz, onde o nome de Christo é conhecido, neste palz, onde alguém teve a coragem de quebrar as cadeias do captivo nos pulsos do escravo, não ha quem se opponha a esse commercio cruel, não ha quem feche esse mercado ignobli—em que se prostituem anjos?

MAGALHÃES DE AZEREDO.

CANNIBAL

Como varrida a um cáos de abrazada poeira
Ahogar, negra visão, que á colera flameja,
Passa espalhando o horror na tribu forasteira,
Que ora as plagas infesta onde o Nilo espumeja.

Mas á noite cedendo a terrível peleja,
Ahogar a rede prende á rude tamareira,
E, emballada ao mugir do simom que braveja,
Sonha que um mar de sangue invade a Nubia inteira.

O Nilo escorre sangue e, tyrio manto aberto,
Cobre o vasto areal, cobre o boabab das mattas:
T'inge o sangue a rolar o seu corpo de treva,

Sangue!... Sangue!... E ella só, dominando o deserto
De sangue, lá vai... lá vai... purpurea onda a leva,
Arrastada ao fragor das rubras cataractas.

Victor Silva.

Rio, 14-7-93.

CHRONICA DOS LIVROS

I.—A CAPITAL FEDERAL, por Anselmo Ribas.

(Impressões de um sertanejo.)

Aproveitando algumas horas de facil des- preocupação, em que o seu scintillante espirito sentia-se alliviado da serie de cousas atrophadoras que constantemente embotam a nossa alacridade e aggravam a dyspepsia, escreveu o Sr. Anselmo Ribas uns magnificos artigos que, afinal, ligou subordinando-os ao titulo acima. Por mais um pouco, o Sr. Ribas, teria enriquecido a nossa litteratura com um esplendido romance, um trabalho que perduraria e que, francamente, não

estaria exposto a cahir no olvido. Deu-nos em todo caso, uma excellente narrativa em que alguns typos são desenhados com summa pericia.

O que porém mais me encantou do livro foi o *humour* que transparece em todas aquellas paginas, escripta n'um estylo simples, confortativo, sem rebuscamentos pedantes. Não ha em todo o trabalho um só momento em que o leitor sintia arder-lhe o nariz, como symptoma de pesar.

Nada; é como si fosse uma boa narração feita entre rapazes de espirito, no Silvestre, ao ar livre, e entresachada por goles de *cham-pagne* e gargalhadas francamente, sinceramente alegres.

Livros como *A Capital Federal* devem ser sempre relidos; é um meio seguro de nos descaptivarnos da melancolia que nos enca-deia ás semsaborias da vida fluminense.

II.—A NORMALISTA, romance, por A. Caminha.

E' um livro de 297 paginas, que tem coisas boas e coisas más. O assumpto é uma *ficelle* já gasta.

João da Matta, um amanuense que vive amaziado, recebe em sua casa uma afilhada, cujo pae vae para fóra tentar fortuna. O pae morre e a menina cresce n'um meio infecto. O padrinho nota-lhe o desenvolvimento physico, que se traduz n'uma esbeltez admiravel, e invade-o a idéa de possuir aquelle thesouro de voluptia. Acariciando essa idéa faz a conquista da menina e consumma o acto.

A menina engravida e vae ter o pequeno n'uma casinha do arrabalde. E' uma variante da these já explorada. Ha além do assumpto principal, outros assumptos que amparam-n'o e que são bem tractados.

Os personagens são apenas esboçados, nenhum delles está convenientemente estudado, mas em geral a questão se desenvolve habilmente.

O estylo é simples, e quasi sempre correcto; o livro tem cousas verdadeiramente aproveitaveis e denota observação e esforço intellectual.

Não diremos que o Sr. Caminha venha a ser um grande romancista, mas prophetisamos-lhe, si estudar, um bom logar entre os poucos escriptores nossos que cultivam esse ramo difficil da nossa litteratura.

III.—ENCARNAÇÃO, romance de José de Alencar. Rio de Janeiro, 1893.

Ouvimos dizer que este bonito romance de nosso grande Alencar, foi agora reeditado em volume por seu filho, o poeta Mario de Alencar. Nada sabemos de certo, porque o volume que nos foi destinado não trouxe de-dicatoria e o livro não tem prefacio explicativo—falta indesculpavel.

Mas, ao que nos affirmou Arthur Azevedo n'O Album, o *Encarnação* fora, ha muitos annos, publicado no rodapé do *Diario de Noticias* (?) e pela primeira vez é editado agora em volume.

Se isso é verdade, não chegamos a com-prehender como deixaram durante tantos e

tão longos annos privada da fórma definitiva do livro uma obra que, se não é das melhores do autor de *Tracema*, não pôde ser collocada entre as ultimas.

O assumpto de *Encarnação* é extravagante, original, esquisito; parece vagamente inspirado no *Avatar* e no *Spirite* de Gautier.

Trata-se de um moço que, havendo idealizado um typo de mulher em sua exaltada imaginação de poeta sem versos—a peor, isto é: a melhor especie de poetas—procura encarnal-o sobre a terra. Desposa uma moça que o ama e que o faz feliz durante poucos annos. Viuvo, conserva, como sagradas reliquias, tudo o que á mulher pertencera e tem o culto fervoroso de sua memoria. Chega á afinação de convencer-se de que ella ainda vive e, por isso, continúa a sua feliz vida de esposo tão completamente quanto possivel.

Levado á Europa por um amigo, que procurava distrahir-o, vê num museu uma pintura de mulher, de classica belleza, e manda fazer duas figuras de cera em que se fundiram os traços da sua fallecida esposa com os da madona celebre.

Depois de volta ao Rio de Janeiro, ouvindo cantar uma visinha—encantadora, por signal—algumas das arias que a sua defunta mais amava, apaixonou-se por ella. Pedea em casamento. Amava, que o amava pelo seu romantismo, accetia-o por marido, após havel-o feito protestar que já havia esquecido a sua primeira esposa.

Mas isso não era verdade. Hermano, casado com Amalia, não ousa beijal-a, para não trahir a sua primeira consorte.

A vesania do coitado vae ao ponto de querer suicidar-se, incendiando a casa. Amalia consegue chegar a tempo de salvar-o por um meio muito agradavel, mas deixa que a casa seja destruida pelas chammas para que com ella desapareçam as sagradas reliquias do primeiro amor do marido, inclusive as figuras de cera.

Eis em duas palhetadas o entrecho do romance.

E' esquisitorio; mas, para expol-o e desenvolver-o, empregou Alencar a magia de seu estylo fluente, elegante, com um saibo original, só delle

Estranhamos, entretanto, numerosos cochilos de composição e syntaxe.

Ha em todo o livro uma ignorancia crassissima da distincção essencial entre a preposição *d* e os artigos simples e contractos. Assim é que se lê: *d* Hermano, *d* pedido, *d* rever-se, *d* este, *d* miudo, *d* um filho, etc., com uma tal coherencia no erro que não é possivel attribuir tres faltas a descuido.

Mas não podemos levar essa ignorancia deploravel do emprego dos artigos simples e das preposições e das contracções de artigo e preposição, bem como a pessima collocação dos pronomes á conta do autor do livro, e sim á de seu editor.

Seja como for, é para desejar que em novas edições appareça o livro expurgado de tão graves senões.

IV — NAUFRAGIOS CELEBRES EN EL CABO POLONIO, BANCO INGLEZ Y OCEANO ATLANTICO 2ª edição, por D. Antonio de Lussich.

Com este titulo acaba de nos ser enviado um elegante volume brochado, de cerca de 300 paginas, muito bem impresso e contendo as descrições mais fiéis e claras dos principaes naufragios havidos no terrivel cabo Polonio e outras costas do mar agitado e alto.

D. Philippe Lussich, o venerando cidadão uruguayo, pae de D. Antonio Lussich, cujo retrato vemos logo ao abrir a primeira pagina dos *Naufragios Celebres*, é um dos mais respeitadros e queridos filhos de Montevideo, pelo muito que tem feito em favor da humanidade. A pureza do seu sentimento de caridade para com os que soffem, levou-o a fundar uma Junta Salvadora, da qual é chefe ha longos annos e que já conta no quadro das suas glórias, que não hão de morrer nunca, para mais de trezentas vidas salvas da furia indomita das ondas encapelladas. Muito ao par dos mais tristes acontecimentos maritimos, conhecedor e talvez mesmo espectador de muitos dramas afflictivos, passados sobre as aguas revoltas, D. Antonio de Lussich descreve com toda a simplicidade de estylo e singeleza de phrase os principaes naufragios occorridos nas costas do seu paiz e tão sincero se mostra na descripção das terriveis catastrophes que, dizemol-o sem rehuços, —D. Antonio de Lussich — com a publicação do presente volume prestou um involvel serviço á historia maritima da Republica do Uruguay e quiçá tambem a alguns paizes estrangeiros.

O naufragio do nosso bello *Solimões* não foi esquecido, alli, n'aquelle repositório de documentos de alto valor historico, pode o leitor apreciar em 16 paginas de descripção facil o desaparecimento do nosso bello navio de guerra, cuja perda foi geralmente sentida e chorada, porque com elle, com o seu casco de ferro e as suas poderosas machinas, partiram para o seio avido e profundo das aguas muitas vidas de patricios nossos, officiaes e marinheiros bravos e dignos, que pouco antes haviam deixado as nossas plagas em demanda de portos estrangeiros numa longa e agitada viagem de instrucção. O auctor dos *Naufragios celebres* termina assim a narrativa que faz da terrivel catastrophe do *Solimões*:

“Despues... el espacio infinito; el pavoroso abismo cerrado tras de la presa conquistada; la noche tenebrosa turbada en su silencio por el bramido del viento, por el rumor cercano de las rompientes al chocar contra las rocas y los bajos, por el grito agorero de los lobos y las aves marinas despertadas bruscamente de su apasible sueño!... mientras la patria, las desventuradas madres, hijos e esposas recibieran, envuelto en el postrer aliento de sus deudos adorados, el ultimo recuerdo de carino que exhalava antes de hundirse para siempre, cubiertos por el inmenso sudario del Atlantico...”

Todo o livro é escripto d'este modo, por D. Antonio de Lussich, que deixou, transparecer em todas as paginas escriptas pelo

seu punho, a doçura da sua alma caritativa e boa.

Os *Naufragios Celebres*, vem ornados de principio a fim de muitas phototypias de navios submergidos no cabo Polonio. Agradecemos a remessa do exemplar e a amabilidade da dedicatória com que nos mimoseou o seu auctor.

O. LETUDO.

DR. HENRIQUE DE SÁ

Com grande prazer recebi e vou desempenhar a incumbencia, que me deu o director do *Album*, de traçar o esboço biographico do Dr. Henrique de Sá.

Somos amigos ha cerca dez annos e cada vez que com elle trato—o que, felizmente, me acontece a miudo — mais me felicito de havel-o conhecido.

Neste fervedouro de invejas, intrigas e maledicencias que é a capital do Brasil, nunca ouvi ninguem se referir ao homem cujo retrato hoje adorna uma das paginas d'este album, que não fosse para elogiar-lhe o character ou o talento—ou ambas as coisas, o que tem sido frequente.

Ha entré elle e o seu obscuro biographo varios pontos de afinidade, de que, naturalmente, proveio a amizade que os liga. Ponho de parte a magresa, o nervosismo, alguma pareença physica, para só me referir ás similhanças moraes.

O Henrique de Sá fez-se por si, devido ao seu proprio esforço, sem pae nem padrinho alcaide; é um trabalhador, um activo; tem um espirito curioso, adiantado, inquieto, sempre cheio de coragem para a luta e de esperança na victoria, independente, feito d'esse estofo moral que não dá tapetes, mas somente mantos de protecção aos que soffrem e bandeiras de batalha.

Nascido em Magé, na ex-provincia do Rio de Janeiro, aos 25 de Abril de 1855, foi por seu pae mandado para Portugal em 1863; lá esteve durante seis annos e lá fez as primeiras letras.

De volta, queria seu pae destinal-o á carreira commercial. Sentindo-se sem nenhuma vocação para ella, e tendo a protecção dos Srs. A. L. Ferreira de Carvalho & C., fez os seus preparatorios e matriculou-se na Faculdade de Medicina d'esta Capital.

Auxiliado sempre por aquelles amigos, e com o producto das lições particulares que dava, foi continuando o curso, juntando-se, quando no terceiro anno, um novo subsidio áquelles —o ordenado de interno do Hospital da Misericordia.

Durante o tirocinio academico, em que foi dos estudantes mais applicados, fundou varios gremios scientificos

e redigio diversas revistas academicas, ao lado de talentos como José Thomaz da Porciuncula, Belisario Augusto, Julio Diniz, Vicente de Sousa, Pedro Paulo e outros.

Além dos artigos com que enriquecia os periodicos academicos, escrevia prosa e verso para a imprensa diaria —o *Diario do Rio de Janeiro*, o *Globo*, a *Gazeta de Noticias*, etc.

No sexto anno entrou em concurso para o logar de interno de clinica medica da Faculdade, e obteve uma menção honrosa, proposta pelo grande Torres Homem,

Lembram-se todos de certo ainda da famosa revolução academica de 1879, que originou o exodo dos sextanistas para a Bahia — revolução sympathica e grandiosa pela nobresa de seus moveis e intuitos como pela firmeza e harmonia de sua execução. Nessa turma de insubmissos briosos estavam Francisco de Castro, Belisario Augustlo, Pedro Paulo, Dermeval da Fonseca, Vicente de Sousa, Henrique Monat, Julio Diniz e outros muitos, egualmente notaveis, d'essa turma foi eleito presidente Henrique de Sá.

Na Bahia conquistou logo sympathias e dedicações. Collaborou no *Jornal de Noticias*, em cujas paginas brilhava o bello talento do mallogrado Aquino da Fonseca.

A these que defendeu (*Diagnostico e tratamento da syphilis visceral*) foi aprovada com distincção.

Voltando ao Rio de Janeiro e aqui fixando residencia e consultório, dispunha em breve de vasta clientella.

Não obstante o grande numero de chamados e consultas e de visitas diarias, ainda achava tempo para publicar observações clinicas e estudos nas gazetas medicas, presidir associações de beneficencia, servir como membro da directoria de sociedades medicas, como a de *Medicina e Cirurgia*, a que prestou relevantes serviços, colaborar na *Semana*, sob o pseudonymo de *Dr. Sahen* (que ainda hoje conserva na mesma folha), leccionar no Lyceu Litterario Portuguez (o que lhe valeu o habito da Rosa e a commenda de Christo—de que nunca se servio, nem mesmo do botão symbolico), servir como medico examinador da *Educatora* (companhia nacional de seguros de vida, que tenho a honra de presidir), e, finalmente para ser um marido exemplar e um pae extremosissimo. Infelizmente essa carreira de trabalhos bemditos e de glorias obscuras —que taes são as do medico—foi empanada pela densa treva de um luto irreparavel—a viuvez.

Conheci a companheira do meu amigo e, por isso, tremi por elle, quando o vi perdel-a. Felizmente ella ficou-lhe reproduzida e repartida em

tres filhinhos, e para educal-os continuava elle a trabalhar como d'antes.

O Dr. Henrique de Sá é um ornamento de sua classe. Se tivesse um grão de pedanteria e um pouquinho de geito para a charlatanice, seria uma celebridade e estaria rico. Lamento isso; não pela celebridade, que é vã fumaça, mas pela riqueza que é cousa muito real e... apreciavel.

E ali fica, esboçado a correr, o sympathico perfil do Dr. Henrique de Sá—o medico das crianças.

VALENTIM MAGALHÃES.

(D'O Album, n. 37.)

→ CURIOSIDADES LITTERARIAS ←

Abrimos esta secção, offerecendo aos leitores um soneto de Molière—o unico que se lhe conhece—embora a sua authenticidade não esteja ainda bem provada. Intitula-se *A morte do Christo*.

Alfredo Delvan, em seu livro, hoje raro, *Les sonneurs des sonnets*, publicado em 1867, e que Sainte Beuve chamava "uma joia litteraria e typographica," escreveu com entusiasmo o que se segue, relativamente a esse esplendido soneto:

(Pg. 108 e 109) "Esta *montanha de luz*, junto á qual vão empallidecer os sonetos de Mlle. de Vallière e de Des Barreaux, foi descoberta pelo poeta Alexandre Piedaguel. Lêde e applaudi, fervorosos amantes da Musa!"

Piedaguel fez minuciosas investigações ácerca do notavel soneto. Tudo leva a crêr que essa obra prima data do 17º seculo, attribuindo-a, uns, ao conde de Modena, poeta natural de Savignon, quasi desconhecido, mesmo de seus contemporaneos.

Entretanto o bibliophilo Jacob inclina-se a attribuir a Molière a autoria do soneto em questão, sendo certo, aliás, que o immortal autor do *Misanthrope* era o amigo inseparavel do conde de Modena, o que, pelo menos, não repelle a idéa da sua colaboração na obra do obscuro poeta de Savignon, dado que a este caibam as honras da paternidade de *La mort du Christ*.

O soneto, sem assignatura, estava gravado sobre a porta principal do cemiterio, que outr'ora circumdava a igreja parochial da Trindade, em Cherbourg.

Mais uma prova da idade respeitavel do maravilhoso soneto, que aqui vie transcripto:

LA MORT DU CHRIST

Lorsque Jésus souffrait pour tout le genre humain,
La Mort, en l'abordant au fort de son supplice,
Parut tout interdite et retira sa main,
N'osant pas sur son Maître exercer son office.

Mais le Christ, en baissant la tête sur son sein,
Fit signe à la terrible et sourde exécutrice,
Que, sans avoir égard au droit du souverain,
Elle achevat sans peur le sanglant sacrifice.

L'implacable obéit, et ce coup sans pareil
Fit trembler la nature et palir le soleil,
Comme si de sa fin le monde eut été proche.

Tout gémit, tout frémit sur la terre e dans l'air:
Et le pécheur fut seul qui prit un cœur de roche,
Quand les roches semblaient en avoir un de chair!

Não haverá algum poeta que se anime a traduzil-o?

SANGUE

A MAX FLEISS

Cravos—rubis enormes—murmurinhos
De astro manchando as arvores já velhas;
As proprias dhalias brancas dos caminhos
A' luz do occaso tornam-se vermelhas.

Riem moangos frescos dentre os linhos,
Frescas papoulas riem das abelhas;
Cheias do aroma lucido dos vinhos,
Pendem peçadas, rubidas, corbelhas.

Purpura em tudo, em tudo esse perfume
Forte, que me allucina a todo o instante,
E dentro em mim a rosa do ciume!

E' por isso, talvez, que ao sol descubro
E em tudo sinto a viva, a rutilante
Nota de um sangue rubro, muito rubro!

Luiz Rosa.

OS QUE SURGEM

D. AMOR

— excerpto d'um romance
historico —

GAPITULO I

Reinado de D. Sebastião. Os tempos iam pouco de trovas e d'amores e somma de fidalgos e gente nobre, moços que em Coimbra estudavam a fazer redondilhas galantes e chacaras d'amor, trocavam o gorro de pluma e a guitarra de trovador pelo elmo de ferro e o montante de guerra; que mais os fascinava ser das fileiras d'El-rei e coroar-se com os louros da victoria, arrancados á morte ao fragor das batalhas, que collares de braços brancos enlaçados ao pescoço, que victoria em combate d'amor, vendo morrer olhos negros...

Lisboa havia-se tornado um arraial de guerra, sempre accordada ao barulho das

charaméllas e timballes, cheia de rumores de gente d'armas, de tropear de cavaliadas, toda vistosa de trajares, alegre, linda, guerreira.

Alta noite, a soldadesca accendia fogueiras e cantava hymnos de guerra e de victoria, como se entrados fossem já, portas e arcadas mortas, caminhando sobre loiros e palmas, com a mourama vendida, os escu los pendendo dos muros em signal de vas-alagem, e raparigas de Tinger, de Ceuta, de Marrocos, sacerdotisas de Mifoma, a atirar-lhes jasmims e rosas de Alexandria; como se a guerra fosse um torneio onde elles iam buscar glórias e galanteos. Na mouraria, as ruas eram fechadas com cadeias, que as rondas haviam por habito saquear as casarias dos infieis, e misero do perro villão, judeu novo ou mouro, que levasse o atrevimento a andar pelas ruas alta noite, quando no silencio da cidade adormecida, os soldados enchiam os ares com a algazarra das rixas e dos assaltos!

Aquelle tempo as mulheres prostituam-se aos padres e aos guerreiros, e desde o cardeal velho e hopego, que tinha nos carcerees da Inquisição danças de condemnadas nitas, até ás filalgas que vinham de cadeirinha ás tabernas d'Almada, beber com os archeiros e os arcabuseiros, tudo se entregava a bodas e folias; as mulheres de melo que lhe ficassem na Africa os amantes e os que lhes deram o titulo e o nome, os homens, porque eram homens.

Apenas El-rei, abismado no sen sonho espiritual de mystico, se occupava no mar a desafiar as tempestades, em Lisboa a vigiar as suas tropas, a formar a sua expedição aventureira; no Paço, a rezar e a ler a Tavola Redonda, e os leitos do Cid e do rei Arthur.

N'uma noite escura, as rondas dos Paços d'Almeirim aperceberam uma sombra que trepava pelos muros da torre grande da barbaca, agarrando ás fendas e ás raizes, subindo com a ajuda do punhal, esfaurapando as vestes de encontro ás pe-lras. Era D. Sebastião que se exercitava aos assaltos. Abaixo da torre, os fossos tinham mais de quatro metros d'agua; um descuido, e o rei de Portugal vinha esmigalhar a caveira de encontro ás lages!

Era assim feito esse monarcha cavalleiro, era forte de corpo como seguro de alma. Os seus musculos, como as suas crenças, eram de ferro. Religioso, elle era um fantasista, mandára fazer uma corôa de oiro, crava-la a pedras da India, para se coroar rei, na Africa.

Nos seus sonhos, Deus vinha fallar-lhe, commandando-lhe a victoria, e esse Deus que em Ourique apparecera a Affonso Henriques, D. Sebastião chamava-o para que lhe apparecesse, a abençoar as conquistas d'essa terra bemfadada pelas legiões dos Ceus, a terra que avassalára meio orbe, que tinha dominios tão grandes que nunca n'elles o sol se escondia, essa terra que firmára o seu pulo em S. Mamede e que se estendera até ás terras doiradas do Prestes João; ao Brazil, o mundo das florestas virgens; á Ethiopia, á Persia, á Arabia, que, battida pelo

mar, subjugava os mares, essa terra que nascera dentro dos muros d'um castello e aprisionára meio mundo...

Elle julgava-se o archanjo de exterminio que Deus armára com a luz celestial a fé, que Deus fizera Rei para vencer, para castigar, e D. Sebastião, de medo de macullar as suas azas brancas de emissario dos Ceus, conservava-se virgem á espera da corôa branca dos bemaventurados. Mas esse mystico era ambicioso; ruivo como uma aguia, elle fitava, como uma preza a que deitar as garras, a Hespanha com todos os seus dominios, e não parava alli a ambição do neto materno de Carlos V, elle sonhava com duas realidades unicas e suseranas, a do Ceu e a de Portugal, a de Deus e a d'elle. Pela Africa queria elle começar, arrecadar o continente negro desde o cabo das Tormentas até ás mesquitas de Fez e de Marrocos. A gloria, o soulo alvinitente e fantasista do asceta rei, era para elle uma fortaleza e uma crença cega. Elle era uma alma feita para a luz, limpida como as aguas do Ceu; romantico, com uma imaginação de lenda, elle tinha visões em que o firmamento abria para elle os thesouros insonháveis dos seus abyssos de maravilhas, e romanticamente mystico, elle sonhava com uma epopeia de feitos que o apresentasse á historia como um escolhido dos Ceus. A sua historia, queria elle fosse um canto epico de assombros, tocado de uma divina magia, e da sua corôa de rei desejava que brotasse uma aureola celestia de Santo. Tinha extases como Santa Thereza de Jesus e até em seguida a um d'elles foi accomettido de um ataque, depois do qual consideraram epileptico.

Mas esse rei, tão faminto de gloria e nomeada, tinha uma alma simples de valente, partiria para a guerra com o saio de ferro de cavalleiro e o seu montante, que já fóra de Affonso IV, e não seria elle que cuidasse dos jaezes e xaireis do seu cavallo de batalha, nem que o seu escudo fosse entalhado a ouro, nem que o seu gibão fosse do mais rico damasco do Porto ou do burel mais rico de Almedina.

Não acontecia porém o mesmo com a formosa fidalguia de Portugal. A grande guerra, era para elles um sarau, e á porfia cada um cuidava de enfeitar-se; as espadas de guerra tinham os copos adamasquinados como espadins de salão, fazia-se gaibo em empavesar os balsões de familia deante de uma escolta de luxo, e fortunas gastavam-se em arnezes de cavallo e esporas de cavalleiro, que falta haviam de fazer, para os resgatar do captivo, mezes adiante. Vinham de Toledo bullhões e punhaes com os cabos cravejados de joias, e os moços fidalgos prendiam á cintura de guerreiro a escarcella de setim e o punhal, como enfeites; tinham elmos e murriões, mas de gentis que eram, eram tão frageis que um golpe de massa ou de machada lhes racharia a cabeça e lhes tingiria de sangue os cabellos anellados e loiros.

Havia em Lisboa somma de divertimentos, autos de fé e jogos de tavolagem. N'uns ardiam desejos de amor, n'outros carnes de

herejes. N'aquelle tempo, Lisboa, era uma cidade de luxo, e ainda que houvesse acabado com D. Manoel a pompa esplendida e theatral d'essa epocha dos Cesares, e já fosse longe a embaixada a Leão X, que enchera de espanto a Europa inteira e a fizera julgar que tinha sido o imperio romano que viera a Roma, a capital soberba ainda trajava todas as grandezas da sua gloria e o manto roçagante do imperio da India arrastava as suas galas por sobre o dismantelo do paiz apodrecido. Tudo se arvorava em gentilhomen, alçadas de nobreza, fóros de fidalgo, doanças e privilegios; tudo se confundia, todo o burquez rico calçava esporas de ouro e cingia da cinta a espada de fidalgo. Tempos de guerra, tempos de guerra!...

Mercenarios, gente de toda a casta infestavam Lisboa, espalchins de capa rôta e catana ferrugenta, maltrapilhos vindos da Italia, da Alemanha e da França. Bavaros de elmo de ferro e guedelha ruiva, de aspecto mau, gente que behia nas tabernas o soldo recebido e arrastava pelas ruas os saios em farrapos, aventureiros que chegavam de Paris, parasitas perigosos que roubavam de noite as farpellas vistosas que ostentavam de dia, todo aquelle povo cosmopolita, que enchia Lisboa desde a Judearia até á Cathedral, dava um tom feroz de festa á velha cidade.

El-Rei, ora demorava no Palacio d'apar S. Martinho, ou no Paço dos Infantes, que é hoje o Limoeiro, ora vivia em Almeirim, sahindo de manhã para caçar nos brejos.

Os Paços de S. Martinho estavam arvoados em acampamento de guerra. A cada momento, cavalgaduras paravam ante o terreiro, onde havia um estendal de quartel, lésteiros que dormiam ao sol, soldados, gente do duque de Bragança, pagens,aios e escudeiros, archeiros com as suas grandes botas de pelle de gamo e o murrião de pluma encarnada. Amarrados ás argolas de ferro das columnatas do grande pateo, havia sempre mullas e cavallos, e era bello, romanticamente bello, aquelle palacio velho, com as suas trapeiras gradeadas, a sua torre funebre que parecia um cadafalso erguido sobre o telhado, as suas paredes altas e negras, vivendo d'aquella vida de aventura, resoando com os passos dos fidalgos, com os bramidos do rei, a algazarra dos pagens, os risos da soldadesca que namorava as raparigas que passavam, de guarda ao palacio forte e roqueiro do rei virgem.

Atraz do Paço, perto da Judearia, havia a praça da força. Para lá da rua Nova, o outro palacio, o da Inquisição, com as suas decencias de carceres, subterraneos, casa de tortura, tribunal, todo o scenario tetrico d'essa comedia sinistra dos farricócos. Gente nobre do Minho e Douro abandonavam os solares para virem ver Lisboa, a bella, toda empavesada de galhardetes, de balsões, toda alegre do barulho das armas e clarins, e o Tejo com as trezentas galeras alinhadas, — que outras tantas esperavam em Sagres — onde se embarcavam cavallos de batalha nas cavallariças dos porões, com as proas todas reluzentes de doirados como glorias, a mari-

nhagem cantando velhas trovas da India, acompanhadas pelo Tejo sereno, calmo e magestoso, que abria a lyra das suas aguas puras á viração do mar.

Emquanto Lisboa se enfeitava e gentis damas bordavam as tendas para a campanha, na Africa os herbéres aguçavam os chuços e afiavam as cemitarras, attentos, espreitando de longe a vinda dos christãos...

Diziam os poetas e trovadores que uma filha de Muley Hamed, linda como as noites de estrellas, tinha vindo deitar-se aos pés de El-rei, pedindo-lhe soccorro, rogando-lhe que se fosse em salvador da honra do pae deposto e escarnecido, e a moura com o seu olhar de sonho, d'uma tristeza infinda, como que se os desertos da sua terra lhe tivessem ficado todos na vadição d'aquella luz de sombra, diziam os poetas e os trovadores, tinha levado o coração d'El-rei nosso senhor e o juramento solemne de lá ser junto a ella para lhe vingar o pae e rechaçar Muley-Hamed. Assim o diziam os poetas e os trovadores.

As tropas alimentadas d'aquella sonho radiante de gloria, que cegava o seu moço rei, tinham a impaciencia febril de batalhadores inermes; os alfagemes e armeiros de Lisboa já tempo lhes escasseava para o trabalho; que villões e cavalleiros, peões e homens de armas, tudo queria as partasanas luzidias, os picos, as hallabardas e os montantes brunidos e com bom fio, que atraz dos albornozes queriam elles correr, se sonhar é querer e desejo se exprime em o contar... Triste raça de antigos valentes, o que de ti fizeram as fogueiras e os autos de fé! Se entre todos vós, soldados que vistes de Alcacer, hasteando o pendão immorredoiro da gloria victoriosa e que ides para o outro Alcacer da ignominia e da derrota, houvesse gente que bastante fosse, que valesse entre ella toda o vosso pobre rei mystico e virgem, mas com a alma temperada como as folhas de Toledo, com as aguas puras da consciencia, Kibir seria hoje um nome cantante de gloria e não o mausoleu sinistro onde enterraram meio vivo o Portugal de Affonso Henriques, roido pelos vermes de Castella, abocanhado na sua mortalha, por Leão, que leão foi elle, que bramindo fugiu quando os opprimidos succudiram o opprobrio e alçaram o seu pendão de desforra e lucta eterna...

A arraya miuda, os cavalleiros e fidalgos, se entre elles havia que previssessem a hecatombe da Africa, onde D. Sebastião queria levantar mais um throno e empunhar mais um sceptro, que as pedrarias do Oriente não lhe chegavam todas para aureolar a sua coroa real, nem todas as glorias de Portugal eram de numero a saciar a ambição descommedida d'esse cavalleiro andante; esses poucos, timidos e doidos, ainda esperavam que elle viesse, o rei moço n'uma galéra de ouro e de marfim, trazida pelas brizas da manhã, no abrir sideral d'uma aurora cor de ambar e violeta, as ondas rojando-se a seus pés, como escravas rendidas!...

Ah! mas correi caravellas, com todos os pendões de guerra soltos ao vento e as vélas enfesadas á maresia, mostrae ao sol a proa

irradiante das vossas galés, fazei bramir pelos mares o estampido dos vossos canhões, atroae os ceus com o cantar dos vossos clarins de batalha, e vós, fidalgos e infantões, gente nobre, senhores e cavalleiros, vesti os vossos saios rendilhados de ouro sobre os vossos gibões esplendidos de côres, os vossos ginetes e corseis relinham no ventre das galéras, como se toda a frota fosse animada de vida e rompesse subito em brados de guerra, vae lésta oh! marcha triumphal de quinhentas barcas, despejar os terços de fidalgos e as companhias de soldados no tumulto tumultuante dos areaes da Africa... Estendei-vos, quinas sagradas, que os levaeis sob a protecção de vossas santas chagas, chagas vivas hão de elles ficar, chaguentos hão de elles morrer, que os córvos da Barberia andam esfamados, e o grande sol fulgurante da gloria da Luzitania eclipsou-se para todo o sempre ante o crepitar dos braseiros da Santa Inquisição.

Mas basta, caveira quente de moço, de fantasiar arrebiques de phrases e de idéas, sae pensamento da senda mirambolante da chimera, e enveredae oh! todas as faculdades da minha mente pobre, para o caminho ideal da historia e da verdade.

CARLOS DIAS.

NOVOS CAMINHOS

Vejo-te e tu me vês; que vemos em nos vendo
Não sabemos dizer,—responde o coração:
Em mim, vês d'uma esperança o vil espectro horrendo;
Em ti, d'um sonho morto eu vejo a apparição.

Nosso amor terminou; mas fomos tão felizes
— Quando, após do Ideal, pisando musgo e rosas,
Viamos no horisonte uns tremulos matizes,
Transparentes e azues, de crenças buliçosas —

Que não vale chorar. Animo! os aureos frisos
Dissipou-os o tempo; exhalou os teus olôres...
Não enchamos de dôr um cofre de sorrisos,
Não reguemos com pranto uma porção de flores!

D'antes, ao te fitar, contemplava uma aurora;
Meu olhar, todo amor, scintillava ao vê-lo;
Fitámo-nos depois... e o que era incendio outr'ora,
Hoje, nada mais é que uma pedra de gelo.

Treguas ao coração! em tão mesquinha sorte,
Resta-nos de ventura um rasgado trophéo:
Se na treva da campa ha o silencio da morte,
Após morrer o sol, brilham astros no céu.

Vê tu'alma: é um jardim; fui eu que reflori-o:
Olha meu peito: é mar que só tu navegaste...
Saudemos na amplidão a nuvem que fugio,
Deixando na poeira a flôr roubada á haste.

Agora, que estou só; hoje, que estás sosinha,
— Tu, a rir do passado e no porvir sonhando,
Eu, vendo além pairar das crenças a andorinha,
Vendo esparso no azul, tu, das visões o bando,—

Ao olvido a chymera, esphacelado membro
Que resta de um titan de anémonas formado:
Esquece-me de vez; lembra que me não lembro
De que tanto te amei e tanto fui amado.

P'ra sempre ao te deixar, nem quero que promettas
Nutrir dos votos meus qualquer recordação:
O excessivo calor faz mal ás violetas...
Como ousaste enfrentar a ardência de um vulcão?

Violeta mimosa, em outros paraizos
Melhor vicejarás, enchendo-os de primores...
Não cubramos de dôr um bouquet de sorrisos:
Não reguenos com pranto uma porção de flores!

FREDERICO RUSSARD.

MISERERE

(A Olavo Bilac)

Pela sala, de um vago clarão de candelabros, n'um espraimento de luz esbatida, andava errante a harmonia queixosa do teu piano.

Vibravas o teclado n'um espreguiçamento; quasi que em ti só se encontrava pelo moroso dos accordes, a languidez doentia das ntonjas ferindo harmoniosamente o orgam santo n'um mystico enlevo espiritual de amor.

As tuas mãos levemente andavam como tacteando e o teu olhar, desse sereno azul meridional, n'uma emoção vaga e descuidada, diziam mais do que o santo perfume da musica, que vibravas, como se fosse elle que estivesse cantando toda essa magua, todo esse pranto do *Miserere*.

Ancioso eu escutava. A voz do teu piano desaparecia lentamente; corda por corda, como que se partia aos meus ouvidos.

E de'ntr'e a alluvião dolentissima de toda essa pagina de musica, onde as harmonias bailavam n'uma dansa morosa de egypticia a sillueta de seu corpo me apparecia de envolta com toda a magua, com toda a tristeza da partitura.

A emoção do passado tomou de subito minha alma.

Paginas inteiras de soffrimento, onde cada letra é uma lagrima, vieram presurosas, n'um revoada apunhalante, abertas diante do meu olhar, dizer na sua voz cavernosa de mortas, todos os segredos que escondiam, todas as alegrias que perderam. E pelo *Miserere*, como se tambem fosse uma recordação perenne, vieram o teu olhar, a tua voz, o teu sorriso, o teu beijo, como nas noites estrelladas do nosso amor, embalados na caricia saudosa dos luars, vinham dizer-me os segredos emhalsainados de tua alma.

Por essa musica, saudosa revelação que acorda mortos poemas, veiu rolando a minha alma, de nota em nota, de accorde em accorde, como n'um doce e effluvial desmoronamento.

E quando, perdidos pelo sala, vagueiaram n'um silencio de gemido, as derradeiras harmonias, diante do teu perfil sonhador e pallido, tombou o meu olhar, tão languido, tão morto, como se aquella musica fosse a pagina

mais occulta de meu soffrimento, a ballada tristissima do funeral, das minhas illusões mortas.

PLACIDO JUNIOR.

Setembro, 93.

O PADRE

A' cerimonia em que Julio Renato, do Seminario de Santo Angelo, recebeu ordens sacerdotaes para passar da veste diaconal ao habito de apostolo, viera o bispo Antonio, que estendendo a mão patriarchal sobre a cabeça do moço seminarista, disse: *Acabais, meu querido filho, de contrahir vosso consorcio com a nossa Igreja, que de hoje em diante é vossa esposa e vossa companheira. Eu vos abenço, ide com ella e sede feliz para sempre.*

No outro dia, o moço padre, que no silencio da grande casa onde estudara ia pelos longos jardins, nas horas, enlucadas, entre os álamos annosos, a compôr uns madrigaes ternissimos que lhe ficavam a ferver no coração, oppresso por sentimentos delicados, ou ia pelos pomares em flôr que o sol beijava, solitario sob a quertura das aves que punham a nota melica no silencio dali, vagoroso por entre as brisas que vinham nas fibras da luz, a dedilhar de uma lyra intima uma poesia quasi muda que lhe voava mansamente d'alma, Deus sabe para onde; no outro dia, envolto nas brumas doiradas pelo fogo de uma manhã sadia, o moço padre cavalgava em demanda de Santa Luzia, por cuja estrada larga tallada ao longo das mattas rumorosas, á beira do plantio verdejante, estendia-se a festa matinal feita dos trinos da passrada, do rumor de animaes silvestres, entre revoadas de aromas—halito da madrugada.

A cidade de Santa Luzia—berço de Julio e onde elle fôra exercer os mistéres de pastor christão—ra branca, alegre e attraente como seu povo, pequena como a vaidade de seus filhos, tranquillada como o deslisar de uma lympha, e grande no sentido liberal da vida reinante naquelle recésso de provincia.

Ali, no seio de uma natureza genial e fecunda—especie de paraizo onde o viver, a intelligencia e a liberdade podem se manifestar e expandir livremente n'uma dilatação em obice,—ali aquelle que ainda havia pouco tinha o espirito adstricto á maceração tediosa que afrouxa a idéa, sentiu esse espirito crescer sob as vestes talares e, alma affeita á luz, sentiu tambem que ella—a sua alma, ja estava subtrahida aos rigores da elocubrações restrictas, e, pois, podia voar livremente, tal qual voava, acompanhando o volitar dos scéres alados n'amplidão estendida

sobre as campinas em flôr, onde folgava a luz brilhante, cuspida do firmamento limpido, sereno e azul de sua terra querida.

Depois, com a imaginação mais calma ou menos ébria da sensação do praser, o Cura pairava a vista sobre a modestia insinuante das casas brancas que num conjuncto gracioso formavam a cidade natal, pensava sobre a alegria constante de quantos existiam ali como rebanho feliz e, cheio de uma philosophia, com ajuda da qual ia galgando deducções e deducções, chegava até proclamar mudamente que a felicidade e os bons principios podem subsistir independentes da grande civilização e das modernas doutrinas.

E os dias foram passando e passaram e passavam entre a calma e a pureza das estações cheias de uma generosidade tonica para a gente.

Julio estudava e recebia na quietude de sua vivenda coberta de héras, manchada de flores e bafejada por uma como bocca feita de lyrios. Sabia á rua onde as saudações e os olhares meigos de que o accumulavam, diziam quanta sympathia provocavam sua pessoa franzina e seus creditos de moço talentoso ao serviço das idéas liberrimas. A tarde visitava os suburbios, estacionava em reuniões de intimos, ou ficava em casa de seu Bonifacio, um velho professor de latim, cuja familia o idolatrava, a elle Julio, encarecendo-lhe os dotes do espirito, e cuja filha—a Livinia, enlevava o idolatrado por horas esquecidas, porque, sibida em cousas litterarias, em estudos serios, citava poetas, escriptores, pensadores e livros respectivos, collaborando assim para uma palestra de que o padre... e a moça, talvez tenham saudades duradouras.

De ordinario fóra os demais serviços do culto, pregava á noitinha na matriz da parochia—um templosinho branco, muito poetico, erguido na elevação de um grande largo quadrado que sol e a lua disputavam clarear, assim para augmentarem-lhe a poesia, si ali ainda havia logar para o encanto e a poesia do ceu.

No pulpito diminuto da egrejinha muito clara, desenvolvia firmemente umas doutrinas que a intelligencia abraçava com prazer, falando de um poder que impelle a humanidade ao cumprimento do dever christão, mas a impelle suavemente, por caminho tão facto de sacrificios heroicos como os sacrificios de Jesus, quanto varrido de prejuizos absurdos como os prejuizos das turbas supersticiosas. E a multidão a seus pés, attenta e offegante, apreciava-lhe as mãos claras agitando-se sobre o negro das vestes; gostava de sua frente de um moreno pallido, branco pelo esbater da luz, a mover-se entre aquella negro e o dos

cabellos buliçosos; fitava-lhe as faces, o perfil energetico, e na immobildade da rocha, na mudez da effigie, com o olhar amarrado ao ponto donde descia para um silencio de tumulto uma cadudupa de verdades, satisfazia-se calmamente quando o padre, sempre correcto e eloquente, com voz tremente e fraca, mas toda cheia e docil, estendia pela nave um bando de conclusões doutrinarias que só não contentariam a sciencia dos retrogradados illustres e dos sabios incoherentes.

Pregava o amor—o amor que é o principio sacratissimo da vida e "prende o céu á terra e a terra aos anjos"; o amor que veio do meigo philosopho, filho de Maria, para estabelcer os gosos de que a humanidade é digna por sua grandesa e superioridade no universo inteiro; o amor que enreda a familia numa amisade admiravel que é antes o admiravel escudo contra os maiores males e contra as maiores faltas; o amor que enlaça o homem nessa fraternidade que todos ambicionamos porque é necessaria, ennobrecedora e licita; o amor que é a base, o amparo e a cupola das venturas que o ceu, que não é egoista, creára, decerto para o mundo; o amor que é a arvore do fructo da felicidade, esse fructo que não é um delicto comel-o, porque ser feliz é uma aspiração sanctificada e, pois, podem e devem caber— a arvore e o fructo, aqui na floresta de nossas almas...

Era de vêr então aquelle apostolo de vinte e cinco annos evangelizando numa entonação estranha, divorciada do tom dogmatico das escolasticas affeiçoadas a essa grandesa d'alma que amesquinha o espirito, que o pouca por via de abstenções e martyrios que nos ridicularisam perante o senso. E o auditorio, selecto ou não, havia sim de enthusiasmar-se, ao menos intimamente, ao ver a intelligencia do orador arrancar com mãos de heróe das garras do preconceito a liberdade e o coração do homem.

E foram passando os dias e passaram e passavam, até que num de Maio chegou a vez de certo casamento.

Noivo era o filho do coronel Gregorio.

De pé, sympathico e vagaroso, junto á escadaria do primeiro altar, o moço padre, talvez mais pallido nesse dia, arrastou as phrases cerimoniaes do casamento ao approximarem-se os noivos trementes. E quando o celebrante ajustou na estola sob a do noivo a mão bonita de Lavinia, uma lagrima subiu-lhe do coração aos olhos, e, baixando tristemente a cabeça onde lembranças não se apagaram das palavras do bispo Antonio, disse com meia voz, tambem a tremer: Filhos, a Igreja, minha esposa, existe como existiu e existirá para sempre.

.....

Mas... estava viuvo o coração do padre.

GLYCERIO RODRIGUES.

S. Paulo—1893.

BELLAS ARTES

Sabemos que foi dissolvida a primeira exposição da galeria artistica que o nosso distincto e operoso artista Aurelio de Figueiredo fundara após incessantes obstaculos. Registramos pezarosos esta noticia; é mais um desastre para as nossas pobres artes, que estão condemnadas ao rachitismo que as nullifica. E' mais um dissabor porque passa o nosso Aurelio que, felizmente, já está affeito a esses resultados negativos, e assim não cabirá n'um desanimo prejudicial. E a causa deste desastre? A Politica, a eterna, a pavorosa Politica! Pois a exposição devia realizar-se no dia 6 e nesse dia realizou-se a... revolução!

Tivemos ensejo de, muito ás pressas, percorrer os dous locaes em que Aurelio aboletara os quadros.

Desprevenidos, sem contar com esse desfecho desagradavel, não guardámos os apontamentos indispensaveis para uma critica judiciosa e assim só appellando para a nossa memoria poderemos esboçar uma noticia.

Dos trabalhos expostos agradaramos muito os de Aurelio de Figueiredo, mormente um quadrinho que representa uma bella moça a tocar bandomolim. Apreciámos tambem algumas paizagens do Sr. Parreiras, mas não nos deixaram impressão inteiramente favoravel os trabalhos do Sr. Peres.

Além desses vimos um novo e excellente quadro do nosso infatigavel Pedro Weingartner.

O Sr. Brocos expoz tambem um trabalho que já figurara na sua exposição e creio que o Sr. Pedro Americo tambem tinha lá alguma cousa.

E' do que nos lembramos. Sentimos profundamente que houvesse fallado essa tentativa em pról das artes e, applaudindo a idéa generosa de Aurelio de Figueiredo, aconselhamos-lhe que não deixe de ser tenaz e de em breve realizar a exposição, desta vez mallograda, mas que futuramente ha de produzir magnifico resultado.

A. DE COBAL.

GAZETILHA LITTERARIA

N' *O Paiz* propoz-se o escriptor que alli usa com abundancia do pseudonymo *Ignotus* (o qual depois de haver sido immortalizado por Joaquim Serra, não devia mais ser levantado por ninguem) a estudar as idéas do grande Cezar Lombroso.

A tarefa é herculea porque as idéas do celebre sabio italiano, além de novas e reformadoras, são vastas e variadissimas — abrangendo a phy-iologia, a antropologia, a medicina legal, o Direito, a Sociologia, a Philosophia, a Litteratura, as Artes etc.

Para entendel as todas e todas criticar é preciso saber tanto como Lombroso e ter quasi igual talento. E' possivel que *Ignotus* o tenha.

Desejamol-o me-mo, para gloria nossa, brasileiros que somos todos.

Mas p'cos dois artigos publicados nada podemos prever ainda.

Apenas encontrámos no primeiro uma cousa notavel : a maneira por que *Ignotus* traduzio *tétes de mort*. Leiam :

“ São muito frequentes as *chaves* e *cabeças da morte*. As *chaves* significam o silencio guardado entre os ladrões e as *cabeças da morte*, a vingança almejada. ”

E' espantoso que o critico extraordinario que vae estudar as idéas de Lombroso ignore que *téte de mort* traduz-se por— caveira !

O trecho de prosa que hoje publicamos sob o titulo *D. Amor* forma um dos capitulos de um romance historico em que está trabalhando ha bastantes mezes Carlos Dias, moço de deztoit annos de idade.

Corre a acção da narrativa no reinado de D. Henrique e na suscrania de Felipe de Castella.

O joven autor tem ido com o mais attento cuidado beber ás fontes historicas os conhecimentos e informes indispensaveis a um trabalho desse gencro, de modo a embeber-se, a impregnar-se o mais completamente possivel do caracter geral, do *ar* da epocha, quer no att nente aos factos, crystallizados nas chronicas do tempo, como no respeitante aos usos, costumes, crenças, vicios, abusões, as mais características modalidades da alma social e a todo o colorido e córte da linguagem da epocha.

A tarefa não é somenos para qualquer e sobreleva de peso e difficuldades para um mancebo de apenas desoto annos.

Se elle tem espadoas para tão dura carga vel-o-ão os leitores lendo o longo trecho que hoje lhes offerecemos.

A *Semana* sente se orgulhosa e contente de abrir a sua secção *Os que surgem* com a apresentação de Carlos Dias, certa de que nesse facto encontrará elle o encorajamento necessario para proseguir a sua rijja e gloriosa tarefa.

Poesia e poetas

EPIHEMERAS, por Silvio de Almeida, com um prefacio de Raymundo Correia. S. Paulo, 1893. 230 pags.

Silvio de Almeida é um poeta, marido de poetisa, a nossa collaboradora D. Presciliana Duarte de Almeida; um casal de sabiás que o amor unio e que espancam com os seus duetos melodosos as semsaborias desta vida prosaica.

Ephemeras seria um bom livro, se houvera sido reduzido á metade, sacrificadas sem dó as composições mediocres, umas, e más de todo, outias, que lhe apoucam o merecimento.

Duas palavras, porém, sobre o prefacio, antes de quasquer sobre o livro.

Raymundo Correia escreveu-o ha mais de anno (traz a data de 20 de março de 1892.)

As poucas paginas deste trabalho ressumbram desanimo e tristeza que; infelizmente para todos nós, não podem ser considerados manifestações do pessimismo que inspira a mór parte das obras litterarias destes tempos.

Como alguns dos conceitos do nosso illustre collaborador têm uma oportunidade completa no momento em que estamos, vamos transcrevel-os :

“ Na epocha tormentosa que atravessamos, quem sabe se os livros desta natureza podem abrir ao menos um refugio de paz ás almas descrentes e atribuladas ?

“ O coração dos poetas está sempre aberto para receber os que soffrem e são estes justamente que procuram nelle um refugio. A epocha actual é com effeito dura e penosa por demais para a vida do espirito.

“ Que vemos nós em torno ? O patriotismo, a abnegação heroica e as mais nobres virtudes deixam de ser uma realidade, evaporando-se em phrasas ôcas; affrouxam-se os laços da familia ; os protestos da verdade e da justiça são abaffados pelo rude choque das paixões mesquinhas ; a agiotagem campeia por toda a parte e vae tomando proporções de um verdadeiro saque ; o vicio deixou cahir a mascara e já se não dá mais ao luxo de a afivelar de novo ao rosto ; a hyppocrisia já então vae achiando melhor transformar-se em cynismo para assim viver vida mais commoda e folgada.

“ O aspecto sob o qual todas cousas são encaradas presentemente por uma litteratura doentia e *fin de siècle* traduz com triste exactidão esse máu estar que nos opprime e asphyxia num meio ambiente além, irreparavel.

“ Aqui erisontesdentro e fóra da patria, os homens se mostram cheios

de negros presagios, e sob o temporal imminente e prestes a estalar ninguem sabe para onde fugir. Semimo-nos nas saaperas sendo já em face de um imprevisto que nos apavora e só esperamos ouvir a todo o instante o tremendo : “ Salve-se quem puder ! ”

Dir-se-lia que o escriptor traçara essas linhas com a mais negra das tintas expressamente para a qua ira que estamos atravessando com espanto e magua.

Entretanto, ellas retratavam perfeitamente aquella em que foram escriptas. E' que as desgraças publicas que estão dissolvendo esta patria, tão futura outrora, vêm de longa data e, e ai de nós ! promettem prolongar-se !

Mas venhamos ao livro. Delle não faz critica o prefaciador, e, como todos limita-se a palavras de extrema amabilidade.

E' um livro desigual

Tem numerosas composições banaes no fundo, defeituosas na forma, sem novidade nenhuma.

Em todas ellas reconhe-se um estro facil, fluente, sensivel, capaz de surtos altos e bellos, se melhor cultivado.

Deixa de alternar as rimas, deixa de rimar frequentemente, abandonando agudos pelas estrophes sem lhes dar consoantes ; não conhece as regras da distribuição das rimas masculinas e femininas, faz versos frouxos e alguns errados. Abusa do soneto — abuso muito generalizado e que deve ser cohibido,

Entre tanto cascalho scintillam, porém, não raro pepitas de ouro de lei e em algumas o diamante jaz occulto.

Sirva de exemplo o soneto seguinte :

DEFRONTE DE UM TEMPLO

Ergues-te em vão no seio da cidade,
O' velho templo de soturno aspecto !
Por ti passou, em coleras desfeito,
O sopro aterrador da tempestade.

Abandonado ao pó da soledade,
Já não recebes religioso preito,
Já te não vive agora mais sujeito
O espirito viril da mocidade.

Debalde apontas para o céu aberto...
Tristonho, mudo, sepulchral, deserto,
Ao derradeiro dia te encaminhas,

Ao dobre derradeiro te adiantas...

Hão de, porém, chorar-te as almas santas

E o coração das frageis andorinhas !

Como esse ha numerosos trechos dignos de nota nas *Ephemeras*. Silvio de Almeida é poeta. Houvesse elle feito uma escolha rigorosa dos seus versos e nos teria dado um livro pequeno, sim, mas merecedor de encomios francos e applausos incondicionaes.

E se esta apreciação lhe parecer demasiado rigorosa leva-a em conta do merecimento que lhe reconhecemos.

Se fosse um verzejador sem talento nem futuro, ou não escreveríamos tão longamente de seu livro ou só lhe dedicaríamos esses sovados rosarios de adjectivos que só aos parvos lisongeiam.

MARCOS.

PALHETA SUJA

Celebra a Naturcza a grande festa Da Primavera! O prado abre-se em flores, Lembrando uma aquarella de mil cores... Por sobre o verde glauco da floresta.

O Sol, do Azul, entorna os esplendores!... O branco, a simples cor, simples e honesta, As azas tingi á mariposa lesta. Parecem de aço e de ouro os beija-flores...

Rubor de incendio lavra no horisonte; As rosas ennodoam-se de sangue; De anilado capuz cobre-se o monte;

De fumo a choça o alvo pendão desfralda... De breu parece todo feito o mangue E o campo feito todo de esmeralda.

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

PESADELO

A LUIZ ROSA

Crepusculo de Maio. Nevoento e triste, o frio aspecto da paisagem que meus olhos contemplam n'uma especie de abstracção enferma, lembra-me — branca de neve — alvo sudario amortalhando gigantes. O céo, baixo e torvo, pulverisa sobre o algido cadaver da floresta finissima chuva de neve, que tomba devagar, monotonamente, em fios cortantes e quasi imperceptiveis, alastrando o cabeço das arvores immoveis e as profundezas da matta sombria e compacta.

Nem um echo em toda a vasta extensão que me rodeia—verde escura, toucada de neve! Um silencio de morte — ôco e aterrador — causa arrepios, communica uma extraordinaria, uma estúpida sensação de catalepsia.

Vê-se perfeitamente, nitidamente, como por um vidro muito claro, o contorno das arvores collossaes, os altibaixos do terreno, as depressões do sólo, a herva rasteira, medrando timida á beira dos precipicios; mas não se pode fallar, porque o frio géla a glotte e o silencio gela a alma.

Como deve de ser medonha a branca região dos gelos eternos!

Extenuado ao peso da minha desgraça, tiritando como um cão tosquado, rilhando os dentes n'uma penosa ancia de calor, os braços cruzados, o cabello escorrendo neve, fui andando, andando sem destino, como um somnubulo, completamente perdido, completamente desorientado, só n'aquelle immenso deserto, onde a vida humana era quasi impossivel.

Veiu a noite, noite escura e profunda, sem o conforto de uma restea de luz, sem o tibio reflexo de um fogo fatuo, sem ao menos a phosphorescencia de um olhar de fera — noite de pesadelos horriveis, escuridão absoluta!

E quando, bebido de sonno, as palpebras pesando como chumbo, eu me dispunha a dormir o meu primeiro sonno de criminoso, cortado de remorsos, cheio de sobresaltos, eis que acórdo, e a luz boa e tepida do dia, — esse tonico ineffavel que nós bebemos pelos olhos, — traz-me a comprehensão nitida da vida, e logo uma voz carinhosa, uma voz de mulher, avelludada e doce:

— Acórda, preguiçoso: ollia que é dia!

E um beijo fresco e sonoro disse-me alto que a realidade é sempre melhor do que o sonho...

AD. CAMINHA.

CORREIO

SR. R. P. DE S.—Se V. S. soubesse quanto fiquei divertido com o seu soneto—“Sombras da noite”!... Qual! não póde imaginar!... Basta dizer que neste soneto encontra a gente de tudo, como na botica! Sombras, esplendores, “condores de olhares phosphoricos”, creio que mesmo uma caixa de fosforos de segurança, sereias boiando em ondas ardientosas (esta cá me fica!) o “Rigoletto” “em esgares de transviado da razão,” o diabol! Até o rei Lear! Para ser um theatro completo o seu soneto, só lhe faltou um dos galhos do “Carneiro Preto,” uma lasca do “Bendegó” e algumas talhadas do “Abacaxi.”

E' um thesouro de preciosidades.

Se o Sr. o servisse á gente em fatias finas, polvilhadas com um pouco de grammatica e com uns pingos de senso commum, seria mesmo gallinha! Como lhe falta este tempero e nós cá na

“Semana” somos uns pobres dyspepticos, não temos remedio senão pôr de lado o seu angú de negra mina.

SR. I. G. Q. T. NTHONHA.—Permitta-me, moço, que eu dê ao publico uma amostra de seu rico trabalho que tem por titulo “Nova Lyra.”

Lá vae obra:

“Guerra Junqueiro, Guerra Junqueiro,
Vate sublime
Dentre os poetas o mais guerreiro!
Guerra Junqueiro, Guerra Junqueiro,
Vate sublime!”

Bom democrata, bom democrata,
Cheio de fé,

Tua poesia tanto arreбата!
Bom democrata, bom democrata
Cheio de fé.

A' vista d'isto, vou responder-lhe pela mesma toada. Consinta que eu afine a minha bandurra pelo seu urucungo. E afinada ella... lá vae fazenda:

G. Q. T. Nhonha, G. Q. T. Nhonha,
Vate muquiche!
Quem faz d'aquillo não tem vergonha,
G. Q. T. Nhonha, G. Q. T. Nhonha
Vate muquiche!

Bom patarata, bom patarata,
Cheio de asneiras

Como cultivas bem a batata
Bom patarata, bom patarata
Cheio de asneiras.

Teu pobre tacho, teu pobre tacho
P'ra que elle sõe

Nada de nicas, dá-lhe p'ra baixol
Teu pobre tacho, teu pobre tacho
P'ra que elle sõe.

SR. A. R.—Os seus rimados “Sinos ao longe,” soneto, é melhor deixal-os ficar na 3ª parte do titulo. Ainda se elles bimbalssem alegremente como um carrilhão em dia de festa, sim senhor; mas qual carapuças! vem dobrando a finados, os infelizes! Não, meu amigo, de sinos rachados andamos nós fartos.

SR. HEITOR.—Se o Sr. tem a feliz idéia de metter a lima com vontade no seu soneto, meu amigo, abiscoitava para o dito, um lugarzinho na SEMANA, porque elle para que digamos não é inteiramente detestavel; mas assim, tenha santa paciencia! o pobresinho não entra cá, não, mas Deus é grande!

Limado, poderia vir a ser um soneto muito razoavel, mas assim, sem ter chuchado limadura, queira me perdoar, mas... não passa de uma limonada purgativa. Portanto... fique a ver por um oculo a sua “Miragem” e convença-se de que as miragens são mesmo assim (excepção feita apenas da “grata miragem” do Sr. Thomaz Ribeiro).

SR. V. V. DO E. S. JUNIOR.—Li o seu "Nocturno" e, palavra! meu inspirado Sr. Junior, palavrinha que... sim, como o outro que diz, não lhe achei... com perdão da palavra, não lhe achei nenhum furo lá p'ra que digamos. Isto é: lá furado está elle e bem furado; mas quero eu dizer cá na minha, dizendo: não tem furo, que o "dito cujo" não tem fundamento.

Em bom portuguez, pés e cabeça, pés e cabeça é o que elle mesmo ao todo não tem, nem tanto como a metade de uma unha!

Pois se elle, o desgraçadito, além dos esparavões que Deus lhe deu, é, bem igualando, mal comparando, uma gaiola! E querem saber de que? de passaros de "azas tricolores"; notem bem: tricolores!

Vejam só isto. São francezes e patriotas como todos os diabos! Porque verdade, verdade, ha por ahí muito bom francez que não é lá inteiramente tricolor. Mas os passaros do Sr. Junior!... Ah! os passaros são! E para serem completos só lhes falta, a elles, os maganões, cantar a Marselhesa. Mas em compensação dizem "oul" com muita graça e pelam-se por "haricots verts" regados a Bordeaux. E mais não digo.

SR. V. A.—Relativamente á sua estopada, em prosa de fios d'ovos sem titulo, para maior desespero dos leitores que pudesse ter (mas que, felizmente para elles... não terá) cumpre-nos dizer-lhe simplesmente que não tem café com leite não, mas Deus é grande.

SR. A. F. DE O.—O seu soneto que assim começa:

"O meu berço natal... ainda o vejo," está quasi na conta; infelizmente para ser bom faltou-lhe o tal *quasi*. Se assim não fosse o Sr. teria dado um couce no diabo, salvo seja!

Ah! se o Sr. conseguisse arredar de cima do desgraçado soneto aquellas *paredes mansas* que o estão bravamente escarrapachando, elle seria o que se diz *obra*!

Veja se o desentulha; — picareta nelle! um pouco de lima por contrapeso, e estará salvo o pobresinho (Deus lhe falle n'alma!)

ENRICO

COLLABORAÇÃO

FANTILA

Treva em tudo; no ceo immenso, de negro obumbrado, nas choupanas e nos palacios; onde as luzes se apagam para o somno e para os sonhos. Sonhos tristes povoados das visões dos pesadelos. Perpassa um sopro gelido de morte e de extermínio, essas ramas, que vergam saculejando gottas de chuva, lagrimas frias da noute que agonisa.

Nem um pyrillampo a scindir o negro-me immenso, nem um pipillo a contras-

tar audaz com os rugidos medonhos da tempestade. Ha estalidos horriveis nas velhas arvores, farfalhos d'azas que tremem nos ninhos, rugidos stertorosos de feras que são atingidas pelo fracasso das arvores.

Estremecem os ninhos nos troncos duros. Almas do arvoredado, porque choraes? Tremem os vossos corações, choram os filhinhos implumes, pipillando trémulos e a noute, sem luz, soluça, também, angustiada e afflicta.

Que é das estrellas de branda luz e dessa lua que rendilha de luz a cupola pequenina do vosso pequeno lar e envia pela sua portinha um nimbo que vai acalantar os vossos corpos repousados para a labuta do dia seguinte?

Perpassa as ramas um sopro de extermínio e de morte. O proprio vento na sua furia indomita parece chorar e chorar: e gemem as aguas do rio onde bebéis e onde vos banhais.

Ai, almas do arvoredado, harmonias das lucidas manhãs, Fantila morreu e Fantila era a luz do vosso olhar, a melodia dos vossos gorgelos...

Que frio, Deus, que medo desses uivos de chacacs a fazerem coro com a tormenta. Que frio, Deus, e que desdita nos opprime, cerrados os olhos por essas trevas profundas, constringido o coração por esse rugir de tormenta, por esses uivos das feras!

Ai, lá se desfolham as flores, lá se destroe um ninho. Bordejama as petalas sobre o rio; aqui um passaro jaz enregelado, ali umas palhas quentes ainda do contacto de vossas azas, encharcam-se na lama; além cahem fios de perolas da ramaria. Choraes, almas do arvoredado?

Que é da luz, que é do perfume? Fantila morreu e Fantila era a luz. Almas do arvoredado, porque soluçoes? porque tremeis?

Nem uma estrella no ceo infinito, nem lua e nem brisas. Que frio, Deus e que medo dessas trevas!... Mas porque choraes, passarinhos?

O ceu se abre em esplendores. As vossas almas choram quando o ceu sorri... O sol de ouro, o vosso companheiro das manhãs d'outomno, as estrelinhas que brilham sobre as ondas nas noites calmas e os pyrillampos fugazes pairam lá em cima. Lá ha luz, ha risos e ha canticos. Lá ha ventura e ha gosos. E vós choraes...

Fantila era a luz; onde o seu logar? Lá se desfazem as flores e se destroe um ninho. Onde o perfume, onde as harmonias das lucidas manhãs?

Choraes, almas do arvoredado, quando o ceu se abre, pleno de luz, para receber essa outra luz que é Fantila, a melodia do vosso cantar.

LIL.

(Das "Fantasias.")

Na walsa

Olhei... antes: olhámo-nos... ethereo
Sonho vago tivemos febrilmente...
Havia em teu olhar qualquer mysterio,
Nos meus olhos havia brilho ardente.

E subimos sonhando á azul morada,
Sentindo o palpar dos nossos seios:
Minh'alma delirante, extaziada,
Ta louca voaodo entre receios.

E quando teus cabellos, se agitando,
Rogavam-me de leve, eu despertava
D'essa doce illusão. De quando em quando,

Seotindo o labio teu que me beijava,
De novo adormecia, e então sonhando,
Louca minh'alma para o céu voava!

João Werneck.

MUSICA E DANSA

No sabbado, 9 do corrente, fomos gentilmente convidados para dois excellentes bailes, um no *castello* dos Democraticos e outro no *poleiro* dos Fenianos. E' inutil acrescentar que estiveram á altura desejada aquellas excellentes festas, realizadas por dois grupos de rapazes da moda, em extremo correctos e cheios de verve. mas de uma verve nunca vista senão n'aquelles templos carnavalescos, onde a alegria esvoaça abrindo as suas azas d'oiro e onde não ha tristezas nem maguas, nem pezares, nem dores. Duas festas esplendidas, ás quaes não faltaram adoraveis filhas de Eva, risos e luz, muita luz de olhares quentes e perfume, muito perfume de sonhos que uma noite de baile proporciona, ruidosa e quente, festiva e alegre.

Um bravo aos Fenianos e um hurrah aos Democraticos!

Por motivo de força maior ficou transferido para quando se annunciar, a segunda audição do clarinetista portuguez Sr. José Barreto de Aviz, festa que devia ter-se realisado no dia 10 do corrente, no salão do Club Gymnastico Portuguez.

J. SONORO.

THEATROS

A companhia lyrica do Sr. Ducci parece que se desfez. De Marchi, Rossi, de Grazia e Carolina Zauner já estão, a esta hora, em terras europeas ou perto dellas.

E' certo que aqui se acham o grande Mancinelli, e as inolvidaveis Sras. Adalgisa Gabbi e Olympia Boronat, e o applaudido Sr. Camera, todos os professores da orchestra, e o Sr. GabrieleSCO que, na Tijuca, readquire dia a dia a saude perdida. Mas não

creio que o Sr. Ducci pense em reencetar as representações. Seria mesmo impossível...

D'ahi póde ser que ô infatigável empresario dê alguns concertos para compensar o prejuizo que tiveram os assignantes e para adquirir os meios com que satisfazer aos seus compromissos para com os distinctos artistas.

Nos outros theatros houve... escuridão. Nenhum abriu, salvo o *Apollo* onde o aciduloso *Abacaxi* parece desafiar as metralhadoras do Sr. Custodio e os canhões do Sr. Floriano.

Nestes ultimos dias tem reapparecido a coragem que emigrára desta capital e alguns theatros abriram suas portas.

O *Recreio* deu hontem a primeira do *Diogo Alves* e o Variedades dá hoje a primeira da comedia *A Sra. Sargenta*.

O S. Pedro reabre hoje com *A sociedade onde a gente se aborrece*, peça em que muito se diverte a gente.

FLAMINIO.

OS COLLEGAS

Noticiamos de uma só vez o apparecimento de mais dois numeros do *Album*, de que é redactor Arthur Azevedo.

São os numeros 37 e 38, dois escriptos de facetadas joias litterarias pelo muito que contém de bom, quer em poesias, assignadas por Adelino Fontoura, Figueiredo Pimentel, D. Georgina Teixeira, Julio Cezar da Silva, Cunha Mendes e outros, quer em excellentes contos de Moraes Silva e A. Foscolo, etc. etc. A adoravel *Chronica fluminense*, do Arthur lê-se, como sempre, do inicio ao fim, aos poucos, para bem saborear-lhe a correcção da linguagem e a firmeza dos conceitos. O n. 37 dá o retrato e esboço biographico do nosso illustrado collaborador Dr. Henrique de Sá—esboço que transcrevemos, como prova de estima d'*A Semana* ao seu sympathico auxiliar. O n. 38, dá um bello retrato do illustre Dr. Luiz Cruls.

Visitou-nos tambem o n. 665 da *Revista Illustrada*, a conhecida revista, sempre nova e sempre espirituosa e feliz na critica dos principaes acontecimentos da semana. A adoravel collega traz na sua pagina de honra a figura veneranda do invicto marechal visconde de Pelotas, e na ultima fidelissimos retratos de Eva Tetrazinni, Scotti e outros artistas de merito da companhia ly-

rica Ferrari, presentemente em excursão pelo estado de S. Paulo.

Agradecemos penhorados a visita amavel da *Revista*.

AOS COLLEGAS

A todos os collegas de imprensa pedimos a fineza de declararem a procedencia dos trabalhos que das nossas columnas transcreverem.

Podiamos reservar-nos o direito de prohibir a reproducção. Não o faremos, entretanto, senão para os trabalhos cujos autores o exigirem.

A DIRECÇÃO.

Factos e Noticias

Por falta involuntaria deixámos de noticiar no nosso ultimo numero a realização de uma festa civica promovida pelo "Centro Artistico", em homenagem a José Bonifacio. Aquella festa realizou-se, com effeito, no dia 7 do corrente, ás 11 horas da manhã, sendo o prestito civico composto dos membros daquelle centro, do nosso amigo e distincto artista Belmiro de Almeida e desta redacção.

Chegado o prestito ao largo de S. Francisco, pronunciou o Dr. Raul Pompeia magnifico discurso e em seguida foram collocadas sobre o pedestal da estatua do grande e sempre lembrado patriota José Bonifacio, tres corôas de muito gosto artistico.

Pelo Sr. Dr. Aureliano de Campos juiz seccional de Republica, foi julgada improcedente a denuncia dada contra o Sr. Raul Villa Lobos, 1º official da Bibliotheca Nacional, sobre o qual pesava, ha alguns mezes, a mais calumniosa e acabrunhadora das accusações.

Parabens.

A POLITICA

Damos um presente a quem nos disser, com franqueza e com plena convicção, quaes serão as consequencias finaes dos factos politicos derivados da revolta da esquadra e que vão despovoando a nossa sebastianopolis pacata. Damos um presente a quem nos disser francamente o que sahirá de tudo isto, de todo este mo-

vimento de tropas, de todos estes tiros de canhões atroando os ares com os seus ribombos medonhos e pavorosos, capazes de mudar toda uma população para os campos, para os logares ermos dos suburbios silenciosos, como nos aconteceu ha bem poucos dias a nós, a todos nós, população do Rio de Janeiro.

O Boato começou a correr a cidade alli pelas 6 horas da manhã do dia 13 do corrente. Vinha preocupado, olhos em braza, e cansado de correr ruas e largos, quando entrou triumphalmente a rua do Ouvidor, parando de porta em porta, detendo-se de grupo em grupo, para insuflar noticias aos que conversavam sobre politica, para amedrontar, fallando baixo ao ouvido dos que passavam serenos ou já um tanto prevenidos, olhando para o alto céu onde pairavam, amontoando-se, nuvens negras de refrega proxima.

E o Boato ia de grupo em grupo, de porta em porta, semeando noticias, alarmando espiritos e amedrontando as rodas, quando, alli pelas 11 horas, a cidade foi visitada por algumas bombas e granadas. O Boato saltou de contente e a população, abandonando os lares, n'um desvario louco de fuga precipitada, entrou em wagons e bondes e fez-se transportar para longe da cidade, que segundo se dizia ia ser totalmente reduzida a cinzas. Mas não o foi.

Não o foi, mns nem por isso se desatou o terrivel nó que ainda traz engasgada a população—o nó hysterico que proveio do terror, do medo incoercivel e o extranho pavor que se espalhou por ahi além, — do caes Pharoux á cidade nova e da rua do Ouvidor á Tijuca e adjaências. Os jornaes nada dizem, estão silenciosos e mudos; só os nossos collegas *O Tempo*, *Diario de Noticias* e *O Paiz* continuam a declarar-se extremamente, convictamente governistas, se bem que este ultimo orgão de publicidade no seu numero de 20 do corrente dê como certa a partida de uma flotilha revolucionaria para fóra da barra, com o *Republica* á frente; caso esse que nos dá que pensar e no qual piamente acreditamos porque é noticiado com todos os visos de verdade pelo collega governista, que, por ser do governo mesmo, ou defendendo-lhe a politica, deve saber das causas muito melhor

do que os outros e do que nós, humilde folha litteraria, para quem a politica foi, é, e será sempre estranha. Em todo caso digamos como o nobre collega :

Aguardemos os factos.

Tratos á Bola

Caros e piedosos ouvintes !

Como o bombardeio tivesse tomado a palavra nesta nossa terra, pacata, tratei de arregaçar o burel e, dando selo aos calcanhares, fui pregar a outra freguesia, onde as balas fossem apenas de assucar e longe de nos arrombar o cinastro, nos delectassem o paladar.

Isto de ameixas, cá para o velho frade, só daquellas que me são offerecidas pela madre Abbadessa, em calda, isto é: em calda ellas as ameixas e não a madre, entenda-se.

Agora um pouco pacificadas as cousas, volto ao tiroteio, porém, das charadas, que é muito mais divertido e muito menos mortifero.

A ellas portanto.

Tem a palavra *Thiano* e *Feroz*.

LOGOGRIPO

(Por letras)

Ao som d'aquelle instrumento— 1, 4, 8, 5, 6.
Vou p'ra o baile isto dançar;— 3, 2, 7.
Para ver se assim consigo
D'cste jogo me esquivar.

Thiano.

ANTIGA

De pé não se aguenta— 1
Na chamma se abrasa— 2
Não é na cidade
Que está minha casa.

Feroz.

Agora, o dêgas :

Se a primeira co' a segunda
P'ra adiante sempre segue,
A primeira co' a terceira,
Caminhar já não consegue.

Se a primeira e m a quarta
Tambem segue p'ra adiante,
A terceira e m a quarta
Destroe tudo num instante.

Não dou conceito
Por que é sujeito
Que, com effeito,
Não tem conceito.

2ª

Nem ella é boa nem está distante;— 1— 1.

Nem está distante nem boa é.

Quer de trás para adiante,

Quer de deante para traz,

Nella descanso sempre t ás,

Terás descanso nella, olaré !

3ª

DECAPIADA

(Por syllabas)

Tome sentido no cranco tendo-a ! —
E, tendo-a no olho, de ver não deixe,—
Que ella está cheia, mas não de amendoa,
Meu bom amigo; mas, sim, de peixe.—

Que contrahio-se bem se d'visa.—
Por isso, mesmo sem ter conceito,
Vaes decifral-a sem suar camisa
E sem que fiques com dor de peito.

4ª

NOVISSIMAS

I
Não é mau na barra; mas não está comigo porque destroe.— 1-1-2.

II

A Lira é irmã do jornal— 1-2.

III

Compra este poeta, porque é poeta italiano.— 2-2.

IV

Na musica, na musica, na musica— 1-1.

E por hoje fecho a rosca.

Ao primeiro decifrador, já se sabe, um premio de replica ponto, o mais puchado á sustancia que for possível.

Assistem, portanto, as baterias.

Antes de concluir não posso deixar de dizer á amavel *Lilacea* que cá está o *bibi* á espera de sua proveitosissima collaboração. Mande-nos essas perolas, que serão de ora avante as contas do rosario do velho frade, que outro não é senão o cada vez mais rheumatico

FREI ANTONIO.

P. S. — Manda a verdade que eu aqui confesse, não os meus peccados, mas simplesmente que *Harry Clifford* é um barra, que logrou decifrar toda a ultima *charadancia* com que regalei os meus pios leitores da vez passada.

E de novo cá o espera o mesmo,

FREI ANTONIO.

ANNUNCIOS

ESTABELECIMENTO HYDRO E ELECTRO-THERAPICO

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado

115 — Rua Sete de Setembro — 115

Rua da Carioca, 12 e 14

FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéos para homens, senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria

DE

A. F. DE SÁ REGO

1 — Rua de Gonçalves Dias — 1

Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pela, reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia, acha-se equiparado áos melhores da Europa pelos esplendidos aparelhos e instrumentos de que dispõe habilitando-o a apresentar trabalhos

ainda pouco conhecidos no Brazil

Collocação de dentaduras fixas, sem chapa, e sem extracção de raizes ou dentes

TRAVAIL A PONT

Extracção de dentes sem dor, por meio do *Coryl* de M. M. JOUBERT, de Paris. Aparelhos para correcção das anomalias de implantação, obturadores para a abobada palatina e veu do paladar, etc., etc.

Obturação e reconstrucção de dentes a ouro perfeitissimas.

Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na bocca, mediante pequena retribuição.

Consultas e operações das 8 horas da manhã ás 10 da noite.

RIO DE JANEIRO

LIVROS

adoptados em diversos Estados do Brasil

A VENDA NA

LIVRARIA CLASSICA

DE

ALVES & COMP.

46 Rua Gonçalves Dias 46

F. Carvalho: primeiro livro de leitura.....	1\$500
F. Carvalho: segundo livro de leitura.....	2\$000
F. Carvalho: terceiro livro de leitura.....	2\$500
Hilario Ribeiro: Cartilha Nacional.....	\$500
Hilario Ribeiro: novo 2º livro de leitura.....	1\$000
Hilario Ribeiro: novo 3º livro de leitura.....	1\$000
J. Ribeiro: grammatica portugueza 1º anno.....	1\$000
De Amicis: O Coração, 1 vol.....	1\$500
Barker: Taboadas.....	\$100
Couturier; Arithmetica da infancia.....	\$400
NOÇÕES DA VIDA DOMESTICA, por Felix Ferreira, 8ª edição muito melhorada. Obra premiada na Exposição de Pariz em 1892.....	2\$000
LIÇÕES DE COUSAS, para crianças de 5 a 8 annos com muitas illustrações, por Zaluar.....	1\$000
NOÇÕES DA VIDA PRATICA, (Lições de Cousas) por Felix Ferreira, 1 vol. de 507 paginas, impresso e illustrado em Pariz, com 200 gravuras.....	3\$000
PATRIA E DEVER, (Elementos de Educação Civica e Moral), por Hilario Ribeiro, 1 vol. in. 16 cart.....	1\$000
A HISTORIA DO BRASIL ensinada pela biographia de seus heróes, por Sylvio Romero, 1 vol. in-16.....	1\$000
CATECHISMO CONSTITUCIONAL, da Republica dos Estados Unidos do Brasil, contendo toda a Consstituição em fórma de Catechismo e augmentado de numerosas notas explicativas do texto, por J. Borges Carneiro, 1 vol. enc.....	1\$000
PRINCIPIOS DE COMPOZIÇÃO, descripções, narrações, cartas, etc., segundo o programma, 2ª edição correcta e augmentada, por Guilherme do Prado, 1 vol. in-16 cart.....	1\$000
TRECHOS DOS AUTORES CLASSICOS, adoptados pelo governo para os exames geraes de preparatórios, por Guilherme do Prado, 3ª edição, 1 vol. in-16 cart.....	1\$000
COMPENDIO DE ANALYSE LOGICA, precedido de noções de syntaxe e rhetorica, por G. Ch. Raoux Briggs, 1 vol. in-16 cart.....	1\$500
TRECHOS ESCOLHIDOS PARA OS EXERCICIOS GRADUADOS DE ANALYSE LOGICA, por Filisberto de Carvalho, 1 volume in-16 cart.....	1\$000
ANALYSE SYNTHATICA, novo methodo theorico e pratico, obra aprovada pelo conselho director da instrucção publica e adoptada por ordem do governo nas escolas publicas, e para exames de portuguez, por A. E. da Costa e Cunha, 1 vol. in-16 cart.....	1\$500
COMPENDIO DA GRAMMATICA da lingua nacional, por Antonio Pereira Coruja, 1 vol. cart.....	1\$000
METHODO PARA O ENSINO DO DESENHO, por Olavo Freire, curso elementar, 1ª classe, tres cadernos, que se vendem separadamente; cada um.....	\$300
ARITHMETICA das escolas primarias organizada de accôrdo com os relativos preceitos pedagogicos, por Felisberto R. Pereira de Carvalho, 1 vol. in-32 cart.....	\$800
GUIA PEDAGOGICA DE CALCULO MENTAL e uso do contador mecanico ou "arithmomeiro" no ensino elementar da arithmetica, traducção e adaptação ás nossas escolas, pelo Dr. Alambary Luz, 1 vol. in-16 cart.....	2\$000
ARITHMETICA, methodo para aprender a contar com segurança e facilidade, por Condorcet, 1 vol. in-32 cart.....	\$600
ARITHMETICA PARA MENINOS, contendo unicamente o que é indispensavel e se póde ensinar nas escolas de primeiras letras por A. A. Coruja, 1 vol. br.....	\$200
GEOGRAPHIA-ATLAS, contendo oito mappas seguida d'um ligeiro esboço chronologico da historia do Brazil e de algumas noções de cosmographia, dedicado á infancia por monsenhor C. Couturier, segunda edição, muito melhorada pelo bacharel Alfredo Moreira Pinto, 1 vol. meia cart. obl.....	1\$000
CHOROGRAPHIA DO BRASIL (Rudimentos), para as escolas primarias, 2ª edição ornada de tres cartas, pelo Dr. Moreira Pinto 1 vol.....	1\$500
EPITOME DA HISTORIA DO BRAZIL, pelo Dr. Moreira Pinto 2ª edição illustrada com retratos de homens illustres do Brazil, 1 vol cart.....	1\$000
HISTORIA UNIVERSAL (Rudimentos), de D. Maria Emilia Leal, 1 vol. in-16 cart.....	2\$000
NOÇÕES DE HISTORIA DO BRAZIL, adaptadas á leitura nas escolas, por Coruja, 1 vol. cart.....	2\$000

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.

RUA DO PASSEIO

Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores, etc., etct

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 - RUA DA QUITANDA - 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 - Laranjeiras

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade: Partos e Molestias das Senhoras

Residencia e Consultorio:

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

PIANOS E MUSICAS

FONTES & C.

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

Papelaria LUIZ MACEDÓ

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos para escriptorio e de fantasia.